

**UNIVERSIDADE ESTADUAL PAULISTA “Júlio de Mesquita Filho”
Faculdade de Arquitetura, Artes e Comunicação Departamento de
Comunicação Social**

**A universidade no contexto internacional: o Relações Públicas
como mediador intercultural no projeto “Brasil de Todo Mundo”**

**Larissa Batista Dionisio dos Santos
Renato Vieira Belinelli**

**Bauru
2015**

Larissa Batista Dionisio dos Santos
Renato Vieira Belinelli

**A universidade no contexto internacional: o Relações Públicas
como mediador intercultural no projeto “Brasil de Todo Mundo”**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado à Faculdade de Arquitetura, Artes e Comunicação (FAAC) da Unesp - Universidade Estadual Paulista “Julio de Mesquita Filho”, como requisito parcial para a obtenção do Título de Bacharel em Comunicação Social: Relações Públicas.

Orientador: Professor Doutor Juarez Tadeu de Paula Xavier

Bauru
2015

Larissa Batista Dionisio dos Santos
Renato Vieira Belinelli

**A universidade no contexto internacional: o Relações Públicas
como mediador intercultural no projeto “Brasil de Todo Mundo”**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado à Faculdade de Arquitetura, Artes e Comunicação da Unesp – Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho”, como requisito parcial para a obtenção do Título de Bacharel em Comunicação Social: Relações Públicas.

Juarez Tadeu de Paula Xavier (Orientador)
Graduado em Comunicação Social e Doutor em Comunicação e Cultura.
Chefe do Departamento de Comunicação Social da Faculdade de Arquitetura Artes e Comunicação da Universidade Estadual Paulista

Marcelo Carbone Carneiro
Livre Docente em Filosofia e Doutor e Mestre em Educação
Vice-diretor da Faculdade de Arquitetura, Artes e Comunicação da UNESP - Bauru

Vanessa Cancian
Graduada no curso de Comunicação Social: Jornalismo pela Universidade Estadual Paulista
Jornalista do Portal Namu e Idealizadora do Projeto de Extensão “Brasil de Todo Mundo”

Bauru, ____ de _____ de 2015.

Dedicamos este trabalho à todos aqueles que acreditam em um mundo sem fronteiras e sem grades. Àqueles que acreditam na relação com o outro como o despertar do seu próprio autoconhecimento. Àqueles que acreditam que o respeito pelas diferenças é o cerne da nossa existência. Aos que acreditam e aos que ainda buscam este aprendizado, estamos juntos.

AGRADECIMENTOS

Agradeço ao Poder Superior, esta força que se sente e que nos leva a espaços onde as palavras não fazem sentido algum, onde o sentimento não se discute, somente, se sente. Agradeço a minha família que sempre, em todos os momentos, esteve comigo, no apoio e no carinho fraterno que a união familiar pode nos oferecer. Joseli, minha mãe, pelo exemplo de estar sempre em movimento, com um sorriso no rosto, alegria no coração, amor e carinho de mãe que não tem palavras que possam traduzir. Ivaldo, pai, pela força de viver a vida na serenidade, na coragem e sabedoria e por me ensinar tudo isso na convivência diária, oportunidade que a vida me deu para que possamos nos conhecer mais. Luiz, irmão, por ser a fonte de muitas inspirações e ser o “cabeção” mais querido, humilde, simples e inteligente que conheço. Junior, o pai “postigo” que nos acompanha com muito carinho. Carla, madrinha, Camila e Bianca, priminhas, que me mostram a cada sorriso que a vida vale a pena. Avós, Nair, Luiz e Irineu, por enviarem as energias deste outro lado e Vó Tude, por sempre receber todas as minhas ideias de braços e mente aberta. Vocês são a minha base. Amo vocês!

Aos amigos, assisenses, bauruenses, argentinos, portugueses, peruanos, moçambicanos, amigos sem fronteiras, onde a distância não existe, e o que fica, é a lembrança sorridente de cada momento e olhar. Sou grata a cada gesto de carinho e a cada encontro que me foi colocado como aprendizagem. Esta, que está nos mais diversos espaços, formais e informais, na rua, na chuva, na fazenda, na praça, no caminhar, no olhar, no sentir. Agradecimentos especiais à república Pistache (neg@s e agregad@s) por alimentar, pela boca, pela cabeça e principalmente pelo coração, novas formas de viver. Agradeço a amiga Vanessa Cancian por me convidar ao caminho das brasilidades e ao amigo Renato por confiar na empreitada e abraçar com todo o carinho e empenho. E claro, à Turma do Amor por mesmo longe estar sempre perto e com amor.

Agradeço a todos aqueles que me deram essa oportunidade de estar aqui aonde me encontro, agradeço à existência que sempre nos momentos mais perdidos da vida sobrenaturalmente me apontou para a felicidade e a plenitude fazendo com que a experiência de viver fosse um aprendizado constante regado de falhas e sucessos.

Agradeço aos meus pais, que sempre acreditaram na minha capacidade de alcançar os objetivos e nunca mediram esforços para me fazer feliz, devo muito do que sou hoje a essas pessoas abençoadas que chamo de família. Agradeço também a todos os meus amigos que puderam compartilhar experiências e me ensinar muito nessa caminhada que começou no ano de 2008 quando vi pela primeira vez meu nome aprovado em uma lista de vestibular até às passagens pela RPjr, Portugal, ERERP, Argentina, República P. Loko, Frafru, Turma do Amor, Araraquara e especialmente a minha parceira e irmã Larissa, a presença de vocês foi essencial para minha existência, encontrar pessoas que vibram em uma energia parecida no caminho me fez muitas vezes ter forças para insistir nas coisas em que acredito. Por fim, agradeço a minha namorada Priscila, que chegou por último mas desperta em mim uma vontade de crescer e começar a construir coisas em conjunto, sua participação, cumplicidade e apoio neste processo final fazem a diferença hoje e farão sempre que me lembrar desta época, que seja sempre assim essa relação que só me fez evoluir(te amo). Por fim, agradeço à UNESP e a todos os mestres que aqui encontrei, foram tantas oportunidades que surgiram que até tenho receio de pontuá-las nesse momento, só vou destacar as mais transformadora que foram os dois intercâmbios para Braga(Portugal) e Túcuman (Argentina), para um cara que estudou a vida inteira em uma escola pública era tão sonho receber a oportunidade de viver em outro país quanto fazer uma faculdade, sair da minha zona de conforto, conhecer o mundo, me perder nele e compreender que dele faço parte e que estamos todos conectados foi um divisor de águas entre o Renato que entrou na faculdade e o Renato que irá sair dela.

Agradecemos, conjuntamente, à Unesp que esteve presente em nossas vidas e nos deu a oportunidade de conhecer pessoas, lugares e culturas. Aos professores que fizeram parte desta caminhada e nos mostraram que é a mudança é possível e que depende da intenção de cada um de nós e da nossa atuação neste mundo. E por último, e não menos importante, ao nosso orientador Juarez pela liberdade e autonomia na orientação; Prof. Carbone por aceitar o convite e Vanessa Cancian, mentora de tudo (e um pouco mais) do que será exposto neste trabalho. Nosso abraço apertado e sinceros agradecimentos.

“Somos viajeros en un viaje cosmico: polvo de estrellas que gira y baila en los remolinos del infinito. La vida es eterna. Pero las expresiones de la vida son efimeras, momentaneas, transitorias.

El buda gautama, dijo en cierta ocasion: esta existencia nuestra es tan transitoria como las nubes de otoño. Contemplar el nacimiento y la muerte de los seres es mirar los movimientos de una danza. Una vida es como un relampago en el cielo, corre como un torrente por la ladera empinada de una montaña. Nos hemos detenido un momento a encontrarnos, a conocernos, a amarnos, a compartir. Este es un momento precioso, pero es transitorio. Es un pequeño parentesis en la eternidad. Si compartimos con interes, con ligereza de corazon y con amor, crearemos abundancia y alegria los unos para los otros. Y entonces , este momento habra merecido la pena”.

Deepak Chopra

BELINELLI, Renato Vieira; SANTOS, Larissa Dionísio Batista. **A universidade no contexto internacional: o Relações Públicas como mediador intercultural no projeto “Brasil de Todo Mundo”**. 2015. Trabalho de Conclusão de Curso de Graduação em Comunicação Social: Relações Públicas – Faculdade de Arquitetura, Artes e Comunicação, Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho, 2015.

RESUMO

O seguinte trabalho de conclusão de curso visa propor um projeto de caráter institucional e intercultural de recepção e integração de estudantes estrangeiros, oriundos de programas de mobilidade acadêmica para a unidade do câmpus de Bauru. Tal ação se faz necessária pelo fato da não existência de um programa de recepção destes estudantes e o acolhimento e integração destes na realidade social e cultural do lugar no qual estão inseridos como parte fundamental da experiência internacional. Como exemplo para esta proposta institucional, abordaremos a experiência do projeto de extensão “Brasil de Todo Mundo”, cujo objetivo é aprofundar as reflexões relativas ao universo cultural brasileiro para estudantes estrangeiros que se encontram no Brasil durante determinado período de tempo, enquanto realizam mobilidade acadêmica na Universidade Estadual Paulista, câmpus Bauru. Projeto de protagonismo estudantil, o “Brasil de Todo Mundo” surgiu a partir da experiência internacional, nos programas de mobilidade oferecidos pela Unesp, de estudantes do próprio câmpus de Bauru, quando na volta de suas experiências, perceberam que poderiam continuar sendo “turistas em seu próprio país” com a recepção de estudantes estrangeiros. Além disso, a identificação das expectativas nas competências sociais e interculturais, e de razões associadas ao acréscimo acadêmico e conhecimentos linguísticos são uma forma de aproximação muito forte, que ajuda na criação de espaços de diálogos interculturais entre os estudantes, objetivo principal do projeto.

Palavras-chave: intercâmbio; internacionalização da educação; interculturalidade; relações públicas; diálogo intercultural; mediação.

BELINELLI, Renato Vieira; SANTOS, Larissa Dionísio Batista. **The university in an international context: The Public Relations as a intercultural mediator in the project "Brasil de Todo Mundo"**. 2015. Term paper completion for graduation in Social Communication: Public Relations– Faculdade de Arquitetura, Artes e Comunicação, Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho, 2015.

ABSTRACT

The following dissertation aims to propose an institutional and intercultural project of reception and integration of foreign students from academic mobility programs for the campus unit of Bauru. Such action is necessary because of the absence of a reception program of these students, the reception and integration into the social and cultural reality of the place in which they live is a fundamental part of international experience. As an example for this institutional proposal, we discuss the extension of project experience "Brasil de Todo Mundo", which aims to deepen the reflections on the Brazilian cultural universe for foreign students who are in Brazil over a period, while taking academic mobility in the Universidade Estadual Paulista, Bauru campus. Student leadership project, "Brasil de Todo Mundo" emerged from the international experience in mobility programs offered by UNESP, from students of campus Bauru, when in the back of their experiences, they realized that they could continue being "tourists your own country" with the reception of foreign students. In addition, the identification of expectations in social and intercultural skills, in addition to reasons connected with the increase academic and language skills are a form of very strong approach, which helps in creating intercultural dialogue spaces between the students, the main objective of the project.

Keywords: exchange ; internationalization of education ; intercultural ; public relations; intercultural dialogue; mediation.

BELINELLI, Renato Vieira; SANTOS, Larissa Dionísio Batista. **La universidad en el contexto internacional: lo relacionista público como mediador intercultural en el proyecto “Brasil de Todo Mundo”**. 2015. Tesis de Conclusión para la carrera de Comunicación Social: Relaciones Publicas - Faculdade de Arquitetura, Artes e Comunicação, Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho, 2015.

Resumen

El siguiente trabajo tiene como objetivo proponer un proyecto de carácter institucional e intercultural de acogida e integración de los estudiantes extranjeros de programas de movilidad académica de la unidad campus de Bauru. Tal acción es necesaria debido a la ausencia de un programa de recepción para estos estudiantes, la acogida y la integración en la realidad social y cultural del lugar en el que viven es una parte fundamental de la experiencia internacional. Como ejemplo de esta propuesta institucional, se discute la extensión de la experiencia del proyecto "Brasil de Todo Mundo", que tiene como objetivo profundizar en las reflexiones sobre el universo cultural de Brasil para los estudiantes extranjeros que se encuentran en Brasil durante un período de tiempo, teniendo la movilidad académica en la Universidade Estadual Paulista, Bauru campus. Proyecto de liderazgo estudiantil, "Brasil de Todo Mundo" surgió de la experiencia internacional en los programas de movilidad que ofrece la UNESP, los propios estudiantes, cuando en la parte posterior de sus experiencias, se dieron cuenta de que podrían seguir siendo "turistas en su propio país" con la acogida de los estudiantes extranjeros. Además, la identificación de las expectativas en las habilidades sociales e interculturales, y de razones relacionadas con el aumento de las habilidades académicas y de lenguaje son una forma de enfoque muy fuerte, lo que ayuda en la creación de espacios de diálogo intercultural entre los estudiantes, objetivo principal del proyecto.

Palabras clave : cambio; internacionalización de la educación ; intercultural ; relaciones públicas; diálogo intercultural; mediación.

ABREVIATURAS E SIGLAS

AUGM – Associação das Universidades do Grupo Montivideu

AREX - Assessoria de Relações Externas

C.C. - Cidades Criativas

FAAC - Faculdade de Arquitetura, Artes e Comunicação

ERI - Escritório de Relações Internacionais

RP- Relações Públicas

FIGURAS

FIGURA 1- Martím Barbero- Reprodução do mapa das Mediações.....

FIGURA 2- Fluxograma da realidade multicultural.....

FIGURA 3- Márcio Simeone Henriques - Escalas de níveis de vinculação.....

FIGURA 4- Márcio Simeone Henriques- Mapa Tridimensional dos públicos.....

FIGURA 5- Relação Tempo e Criatividade no período de estadia dos estudantes internacionais.....

QUADROS

QUADRO 1-Joana Santos -Características do Modelo de Cidade Tradicional e Modelo de Cidades Criativas.....

QUADRO 2- Ana Carla Fonseca Reis- Sinopse de autores, definições e características aplicáveis às cidades criativas.....

QUADRO 3- Período de aplicação das ações do "Brasil de Todo Mundo".....

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	1
2 MOBILIDADE ACADÊMICA E SEU IMPACTO NA REALIDADE	
2.1 Globalização, rompimento das fronteiras culturais e diversidade cultural.....	5
2.2 Cidades e Territórios Criativos	10
2.2.1 A importância do olhar estrangeiro sobre a Cidade Criativa.....	18
2.3 Análise da importância da mobilidade acadêmica no cenário atual.....	19
3 RELAÇÕES PÚBLICAS NO PROCESSO DE MEDIADOR DA COMUNICAÇÃO INTERCULTURAL	
3.1A complexidade da diversidade: aportes para a comunicação intercultural	27
3.1.2 Comunicação Intercultural: um diálogo possível.....	31
3.1.3 Mediação: espaço para a comunicação intercultural.....	34
3.2 As Relações públicas na Globalização: Papel social e Internacional.....	40
3.3 O profissional de relações públicas na gestão de projetos: A importância do papel estratégico e a Gestão Participativa de Projetos.....	44
4 BRASIL DE TODO MUNDO: PROPOSTA DE ESTRUTURAÇÃO	
4.1 Analisando os diferentes cenários.....	48
4.1.1 Cenário externo: a sociedade bauruense e a possibilidade de integração cultural.....	48
4.1.2 Cenário interno: câmpus da Unesp Bauru e a internacionalização da universidade.....	51
4.2 O projeto “Brasil De Todo Mundo”.....	53
4.3 Gestão do projeto: Os estudantes vão, o projeto fica.....	57
4.4 Promovendo encontros: estruturação das ações do projeto “Brasil de Todo Mundo”.....	62
4.4.1 Relação Intra Universidade.....	64
4.4.2 Relação Extra Universidade.....	66
5 REFLEXÕES E CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	70
REFERENCIAS BIBLIOGRAFICAS.....	73
REFERENCIAS ELETRONICAS.....	76

1 INTRODUÇÃO

Movimento e diversidade, duas palavras e muitos significados. A globalização e seu processo de quebra de barreiras físicas, trazem a afirmação de identidades locais e regionais, assim como a formação de sujeitos políticos que reivindicam, com base em garantias igualitárias, o direito à diferença. Encontrar o outro, seja pessoalmente ou virtualmente, tornou-se mais possível. A partir desta possibilidade, o fluxo migratório de pessoas aumenta a cada dia, movimentando capitais, recursos, ideias e pensamentos. Dentro deste cenário, a universidade reconheceu a oportunidade de ampliação de sua atuação a partir da internacionalização da educação, com a criação de acordos acadêmicos de intercâmbio entre estudantes. Estes, a partir desta realidade, tem a possibilidade de uma troca de conhecimento e experiência *in locu* de extrema potência para seu processo de aprendizado. Isso ainda fica mais visível no momento no qual estamos vivendo, de interconexão e integração.

A interculturalidade está presente neste contexto pressupondo que a interação entre as diferentes culturas que se encontram a partir deste processos e fluxos migratórios é inevitável, propondo um projeto político capaz de estabelecer um diálogo real/ intercultural como forma de garantir uma real convivência pacífica. A partir do exposto, vem a pergunta que deu origem ao estudo: como promover o diálogo entre estudantes de culturas diferentes a fim de desenvolver um processo de educação intercultural nos programas de mobilidade acadêmica?

O intercâmbio é tido como questão importante, a internacionalização da educação como parte do planejamento do projeto político-pedagógico atual das universidades, mas ainda não é tratado com devida importância no que tange a experiência do estudante, sua recepção e integração em um novo cenário cultural. Tampouco os acordos e mecanismos de cooperação acadêmica são objetos de estudo para se formar um debate forte academicamente. É necessário ressaltar que grande parte dos estudos latino-americanos sobre estas questões considera o ensino superior como um agente de transformação social que vai além do desenvolvimento econômico. Entretanto, tais estudos ainda são incipientes e fazem falta no cenário das pesquisas

acadêmicas, como também no futuro fechamento de acordos internacionais, já que estes necessitam de dados mais quantitativos para criação de políticas públicas.

A partir desta realidade supracitada, o seguinte projeto visa propor um programa de caráter institucional e intercultural de recepção e integração de estudantes estrangeiros, oriundos de programas de mobilidade acadêmica para a unidade do campus de Bauru. Tal ação se faz necessária pelo fato da não existência de um programa de recepção destes estudantes, e também por ser parte fundamental da experiência internacional para o acolhimento e integração destes na realidade social e cultural do lugar no qual estão inseridos. Como exemplo para esta proposta institucional, a dupla abordará a experiência do projeto de extensão “Brasil de Todo Mundo”, cujo objetivo é aprofundar as reflexões relativas ao universo cultural brasileiro para estudantes estrangeiros que se encontram no Brasil durante determinado período de tempo enquanto realizam mobilidade acadêmica na Universidade Estadual Paulista, campus Bauru.

Projeto de protagonismo estudantil, o “Brasil de Todo Mundo” surgiu a partir da experiência internacional, nos programas de mobilidade oferecidos pela Unesp (AUGM), de estudantes do próprio campus de Bauru, quando na volta de suas experiências, perceberam que poderiam continuar sendo “turistas em seu próprio país” com a recepção de estudantes estrangeiros.

Além do exposto acima, a proposta de estruturação de um programa de recepção para os intercambistas tem como objetivo estimular o envolvimento dos estudantes estrangeiros na universidade e na cidade a fim de aproximar estes da realidade social que vivenciam. Acredita-se que a identificação das expectativas nas competências sociais e interculturais, além das razões associadas ao acréscimo acadêmico e conhecimentos linguísticos são uma forma de estreitamento das relações muito forte, que ajuda na criação de espaços de diálogos interculturais entre os estudantes, objetivo principal do projeto.

Diante disso, o projeto aborda o papel do relações públicas como mediador intercultural destas realidades, além de articulador de parceria, no que tange ao planejamento de um projeto/programa de integração. Abordar a comunicação

intercultural e estudos sobre Relações Públicas Internacionais serão necessários para dar mais substância ao processo de implementação de tal programa além de desenvolver estudos nestas áreas.

Segundo a Assessoria de Relações Exteriores da Universidade Estadual Paulista, a instituição vem se empenhando no desenvolvimento de um programa que busca aumentar sua internacionalização, o que propiciou avanços em diferentes áreas inclusive em relação ao destaque no cenário nacional e internacional. Os programas de intercâmbio e os convênios desenvolvidos ao longo destes últimos anos, tem elevado o número de alunos da Unesp que complementam seus estudos no exterior mas também o número de alunos do exterior que realizam um intercâmbio nos campi da Unesp. Neste último caso, estas iniciativas possibilitam que estudantes nacionais, em contato com os alunos do exterior possam realizar uma troca de experiências acadêmicas e culturais.

Mesmo com esta premissa e compromisso por parte da instituição de ensino, ainda é perceptível a ausência de um programa institucional que faça o papel de integrador do estrangeiro na comunidade acadêmica. No seguinte projeto, será abordado o caso específico do campus de Bauru, por se tratar do campus de atividades dos estudantes em questão e também pelo fato de ser o campus com o maior número de cursos oferecidos pela Unesp. Por estas razões, é visível e necessária a recepção em caráter institucional com atividades periódicas que envolvam e mobilizem estudantes de mobilidade acadêmica, sociedade acadêmica e sociedade bauruense para um maior aproveitamento das capacidades dos diferentes atores envolvidos neste processo tão rico culturalmente.

Poder-se-á verificar que a Unesp necessita de um programa estruturado de recepção suporte para intercambistas que ao mesmo tempo envolva funcionários, professores e estudantes (nacionais e internacionais) afim de se otimizar a experiência de intercâmbio. A proposta sugerida para aplicação metodológica e sistemática deste programa será desenvolvida ao longo do estudo realizado, com a presença da ideia de gestão coletiva e planejamento estratégico participativo, como case e suporte.

Também é necessário que haja o desenvolvimento de atividades de extensão em conjunto com estes alunos que chegam do exterior para que se estreite o contato destes com a sociedade bauruense (neste caso) e ao mesmo tempo, possibilitar aos estrangeiros o reconhecimento de elementos culturais que compõe a realidade local em que estão inseridos por meio do encontro com o outro.

A justificativa de apresentação e escolha do seguinte projeto tem relevância pessoal, acadêmica e social. O primeiro se refere à experiência e contato intercultural dos próprios pesquisadores devido a oportunidade de participar de programas de mobilidade acadêmica enquanto graduandos do curso de Relações Públicas da Unesp, campus Bauru. Na área acadêmica, este projeto visa discutir e aprimorar conceitos e práticas da profissão de Relações Públicas, como também desenvolver outros tipos de atuação do profissional desta área e despertar novos olhares para o campo. Este projeto também possui uma característica de constante desenvolvimento e aprimoramento, já que se trata de um potencial projeto que requer periodicidade, renovação e atualização das práticas, sendo sua fase atual uma semente em processo de germinação. No âmbito social, o projeto tem relevância por se tratar de uma contrapartida necessária dos estudantes em questão à sociedade que teve papel primordial no financiamento dos seus estudos. Sabe-se que a educação superior pública no Brasil é privilégio de poucos e a oportunidade é oferecida graças à contribuição de milhões de brasileiros e brasileiras que pagam seus impostos em dia a fim de um país mais inclusivo e intelectualmente igualitário. Trabalhos, projetos, programas e pesquisas que promovam a integração e o real contato da população com a comunidade acadêmica são, na opinião da dupla, dignos de atenção e colaboração por parte da universidade.

Segundo Bakhtin (1982, p.352) “no encontro dialógico de duas culturas não se fundem nem se mesclam, cada uma conserva sua unidade, sua totalidade aberta, porém ambas se enriquecem mutuamente.”, e é com esta premissa que este trabalho de conclusão de curso se debruça, a fim de dialogar teoria e prática, propondo atividades e ações possíveis a partir da força de vontade, articulação,

mobilização e apoio institucional por parte da universidade para o fortalecimento do projeto.

2. MOBILIDADE ACADÊMICA E SEU IMPACTO NA REALIDADE

2.1 Globalização, rompimento das fronteiras culturais e diversidade cultural

O processo de globalização possibilita a ampliação da consciência da sociedade a partir da percepção de um Outro. Este novo ator se difere em diversos aspectos do viver, desde o modo de comer, até na forma de pensar sobre diversos assuntos, ou seja, difere no processo de apreensão do real. A partir desta percepção ampliada, as diferenças culturais são colocadas face a face, em um diálogo, no qual é permeado pelo discurso político, tecnológico, econômico etc. Colocar-se frente a frente com o diferente provoca a potencialização de percepções antes não sentidas e que trazem à tona dúvidas e incertezas, que por mais subjetivas que sejam, é o passo fundamental no processo de descoberta. Esta sensação - a experiência do sentir-se Outro - é o ponto de partida de qualquer encontro intercultural. Habermas (1984) diz que a consciência que temos de nós mesmos é parte de um entrelaçamento de perspectivas; somente com o reconhecimento recíproco é possível criar a autoconsciência. E este tema, do reconhecimento do outro, não é algo supérfluo e deve estar fundado na aceitação de sujeitos iguais e com direitos iguais. Atualmente, é possível perceber a importância deste tema em diversas áreas do saber, entretanto, ainda não é dada a devida atenção em caráter de política social e cultural e principalmente em ações sistemáticas e transformadoras, partindo de instituições públicas de ensino.

É importante também abordar a globalização com um enfoque mais crítico, ou seja, da mesma forma que este contexto trouxe uma aproximação entre os países e a facilitação do acesso à informação do mundo todo, não se pode negar que estes processos acontecem de forma díspare e desigual (IANNI, 1999), unificando

diferenças, podendo ser interpretada como um processo hegemônico e homogeneizador. Milton Santos, geógrafo e intelectual brasileiro, em sua obra clássica “Por uma outra Globalização” (2013) nos dá esta visão perversa da globalização, mostrando o mundo como ele é:

A perversidade sistêmica que está na raiz dessa evolução negativa da humanidade tem relação com a adesão desenfreada aos comportamentos competitivos que atualmente caracterizam ações hegemônicas. Todas essas mazelas são direta ou indiretamente imputáveis ao presente processo de globalização (SANTOS, p. 20, 2013)

A partir desta tomada de consciência, de ver o mundo como ele está sendo no momento pensado, ou seja, como uma possibilidade, pode-se ressaltar que a globalização vai além de um processo de mundialização do capital e dos fluxos econômicos, pois ela deve ser compreendida também a partir do espaço no qual “os homens vivem, se movem, se integram e trocam experiências, com todas as conseqüências que esse processo tem sobre suas consciências de pertencerem ao mundo, seja tal mundo o mercado para mercadores, a ordem mundial para os estrategistas, o universal para os indivíduos-cidadãos” (PIEROBON apud BEDIN, 2001, p. 345).

Apropriando-se do conceito de globalização, estes encontros promovem o estabelecimento de novas linhas de força. Segundo Ortiz (1983), a esfera da cultura permite enfrentar esta problemática a partir de uma outra entrada, ou seja, olhar o mundo de outro jeito. Na modernidade, o conjunto de símbolos e signos se desterritorializa, promovendo a capacidade de adaptação do cidadão. Nesta mesma linha de raciocínio, Milton Santos defende que “A materialidade que o mundo da globalização está recriando permite um uso radicalmente diferente daquele que era o da base material da industrialização e do imperialismo.” (SANTOS, 2001, pg. 164). A partir daí, ve-se a possibilidade de resignificação de ideias, ou seja, ter a consciência de como é o processo de globalização, sua perversidade e realidade, nos dá os aportes necessários para fazer dela um “instrumento” de encontro de novas ideias,

visualizando um outro mundo possível, nas palavras de Milton Santos, “uma outra globalização”.

A “dinamicidade” em que a humanidade se encontra revela a potência no que está por vir. A cada encontro, novos mundos simbólicos são construídos e novas relações são estabelecidas. As suas culturas entram em contato através dos próprios homens. Esse “choque cultural”, inclusive, se dá no seio de um território. Marcada por múltiplas conexões, que formam uma rede, esta sociedade traça diferentes relações sociais, conforme um jogo de “forças dialéticas – centrípetas e centrífugas” – que são colocadas em práticas em um contexto internacional (PIEROBON, 2006). É com esta consciência que podemos pensar na construção de um outro mundo, a partir de uma globalização mais humana, integral, saudável e sustentável. As bases técnicas de convergência de momentos, unicidade da técnica e conhecimento do planeta devem ser utilizadas e colocadas a serviço de outros fundamentos sociais e políticos, como é o caso da integração e educação intercultural.

(...) o que verificamos é a produção de um novo discurso, de uma nova metanarrativa, um grande novo relato. Esse novo discurso ganha relevância pelo fato de que, pela primeira vez na história do homem, se pode constatar a existência de uma universalidade empírica. A universalidade deixa de ser apenas uma elaboração abstrata na mente dos filósofos para resultar da experiência ordinária de cada homem. De tal modo, em um mundo datado como o nosso, a explicação do acontecer pode ser feita a partir de categorias de uma história concreta. É isso, também, que permite conhecer as possibilidades existentes e escrever uma nova história. (SANTOS, 2013, p. 21)

Ortiz (1983) fundamenta o vocábulo transculturação a partir do processo de transição de uma cultura para outra, de forma que neste processo não consista somente em adquirir uma cultura diferente, mas onde se implica também a perda de uma cultura anterior por meio da absorção de novas influências. A nível de América Latina, Canclini (2005) também salienta as tendências globalizadoras da economia que muitas vezes reforçam algumas fronteiras ou levam a inventar outras, considerando que a porosidade das fronteiras e dos fluxos multidirecionais prometem integrações supranacionais, porém ainda desiguais, considerando o cenário latinoamericano.

A mundialização da cultura (ORTIZ, 1994) está acoplada ao processo de globalização econômica e tecnológica. No mundo globalizado, a esfera da cultura ocupa parte específica e a comunicação se torna uma mediadora social, no qual a interação entre a esfera produtora e receptora gera fluxos e campos de cruzamentos férteis.

(...) mais convincente compreender a mundialização como processo e totalidade. Processo que se reproduz e se desfaz incessantemente (como toda sociedade) no contexto das disputas e das aspirações divididas pelos atores sociais. Mas que se reveste (...), de uma dimensão abrangente, englobando outras formas de organização social: comunidades, etnias e nações. A totalidade penetra as partes no seu âmago, redefinindo-as nas suas especificidades. Neste sentido, seria impróprio falar de uma “cultura-mundo” cujo nível hierárquico se situaria fora e acima das culturas nacionais e locais. Raciocinar desta maneira seria estabelecer relações dicotômicas entre os diversos patamares (uma “cultura-mundo” interagindo com esferas autonomizadas, local ou global), promovendo a razão dualista em escala planetária (ORTIZ, 1994, p.30)

Ao falar de globalização e mundialização, mais uma indagação acontece: e as fronteiras, afinal? Como podemos falar de fronteiras no mundo em que vivemos? Abordar o tema das fronteiras e seus rompimentos a partir da inter-relação entre culturas e seus atores é de interesse para seguir na caminhada de desprendimento da ideia homogeneizante da globalização e passar para um nível mais crítico e ao mesmo tempo com esperança de mudanças significativas na “sociedade global¹”.

Segundo o dicionário Michaelis, a palavra fronteira é descrita da seguinte maneira:

fron.tei.ra

sf (fronte+eira) 1 Zona de um país que confina com outra do país vizinho. 2 Limite ou linha divisória entre dois países, dois Estados etc. 3 Raia; linde. 4 Marco, baliza. 5 Confins, extremos. *F. artificial*: a que não atende aos acidentes topográficos (geralmente com predomínio das linhas retas). *F. de acumulação*: fronteira viva. *F. de tensão*: fronteira viva. *F. esboçada*: tipo de fronteira delineada sobre um mapa, sem que o seu traçado corresponda a uma gradual adaptação passiva do homem ao meio, nem a uma adaptação ativa do Estado, ao qual ela pertence. *F. morta*: fronteira que passou da condição deviva à situação de linha tranquila, cessadas as causas que originavam tensão. *F. natural*: a que acompanha um acidente topográfico, rio, montanha etc. *F. viva*: tipo de fronteira que é fruto da paulatina evolução histórica, e fixada através de choques ou de lutas armadas.

¹ IANNI, Octavio. *A sociedade global*. Rio de Janeiro, Civilização Brasileira. 1992

A partir daí, pode-se perceber as diversas possibilidades de interpretação que a palavra traz. Fisicamente, a fronteira é uma linha que divide países, que promove o limite de uma coisa e outra. Ela também é considerada um elemento que é fruto de uma evolução histórica, ou seja, de relações interculturais. Subjetivamente, ela também é considerada “viva”, “morta” ou “tranquila”, sublinhando a importância que há neste processo simbólico de criação de fronteiras. Para toda criação, há também uma re-criação, na qual há uma mudança na forma do olhar e na percepção da realidade. Vista por esta ótica, as fronteiras são construções simbólicas que delimitam, sem limitar o processo das relações interculturais. Ela provoca o encontro a partir do seu limite, da sua tensão pre-existente e se reconstrói a cada novo encontro. Pesavento (2002) traduz de forma lúcida a dialogia da fronteira:

Sabemos todos que as fronteiras, antes de serem marcos físicos ou naturais, são sobretudo simbólicas. São marcos, sim, mas sobretudo de referência mental que guiam a percepção da realidade. Nesse sentido, são produtos desta capacidade mágica de representar o mundo por um mundo paralelo de sinais por meio do qual os homens percebem e qualificam a si próprios, ao corpo social, ao espaço e ao próprio tempo. (...) Desta forma as fronteiras são, sobretudo, culturais, ou seja, construções de sentido, fazendo parte do jogo social das representações que estabelece classificações, hierarquias e limites, guiando o olhar e apreciação sobre o mundo. (PESAVENTO, 2002, p.35)

O rompimento das fronteiras se dá justamente na sua re-criação a partir da apropriação do sentido de fronteira. Saber que há um limite, é desafiar para rompê-lo, ou melhor, ir ao encontro do limite é saber que existe um além-limite e neste espaço é onde se encontra o verdadeiro descobrimento. Falar sobre o romper das fronteiras culturais em um mundo desterritorializado, globalizado e num processo constante de mundialização da cultura é colocar a construção simbólica desses espaços no bojo da discussão.

A experiência migratória original e contínua do ser humano provoca o entrelaçamento de sentidos, na qual transforma a morfologia social em todos os seus níveis, principalmente no discurso e no imaginário. No contexto específico da contemporaneidade, esta experiência vem sofrendo transformações, devido a fatores

políticos, econômicos, organizacionais, estruturais. Sobre esta atividade migratória, ElHajji (2011) comenta que:

O avanço do processo de globalização, a sofisticação e acessibilidade das novas tecnologias de comunicação e o desenvolvimento e barateamento dos meios de transporte resultaram naquilo que David Harvey (1992) conceituou como “encolhimento do planeta” e a produção de um espaço civilizacional unificado; de certo altamente diversificado, mas, ao mesmo tempo, amplamente integrado. (ELHAJJI, 2011, s/p)

Com esta nova configuração espaço-temporal, pode-se perceber o rompimento das fronteiras culturais e o encontro das diversidades culturais. A análise da relação globalização *versus* localização não se pode realizar somente sob a perspectiva técnico-econômica, por se tratar de um processo histórico pluridimensional. Não é possível tratar a ideia de fronteiras culturais apenas pelo ponto de vista dos sistemas financeiros, monetários e comerciais, mas também levar em conta os aspectos jurídicos, sociais, históricos e culturais (DULCE, 2000). Sob esta perspectiva é que o projeto “Brasil de Todo Mundo” se encontra: propondo um projeto intercultural que dialogue com as diversas áreas do saber dentro de uma universidade pública brasileira.

A afirmação “pensar global, agir local” se torna viável neste cenário globalizado, pois há a possibilidade de conhecimento simultâneo do global, a partir das tecnologias informacionais e também pelo aumento dos fluxos migratórios, seja por fatores econômicos, turísticos e principalmente educacionais. E a partir desta experiência global, é possível a interferência em ações locais. Neste processo há o encontro de culturas e em consequência, o surgimento efetivo de identidades transnacionais interdependentes e espaços de grande potência criativa.

Como este trabalho não tem como objetivo traçar detalhadamente o estudo da globalização, será abordado, para melhor compreensão dos temas e relação com o projeto, o conceito de Cidades Criativas para retratar uma realidade possível integrando espaço, diversidade e criatividade, que é possivelmente ajustável na temática escolhida.

2.2 Cidade e territórios criativos

“Una nación sin la vibrante fuerza creativa de artistas, escritores, diseñadores, directores, actores, bailarines, músicos, pintores, ingenieros, científicos, investigadores e intelectuales no dispondrá del conocimiento básico para triunfar en la economía de la información, y estará obligada a depender de ideas elaboradas en otras partes.” (Shalini Venturelli “De la economía de la información a la economía creativa”)

Os primeiros indícios de áreas urbanas na antiguidade, estavam atrelados ao comércio. Os grandes centros urbanos constituíam uma extensa teia de conexões culturais entre comerciantes de distintos lugares e a população local. A partir do desenvolvimento das relações humanas, os indivíduos passaram a afixar-se em espaços que possibilitassem uma maior interação com o meio e outros indivíduos. Com o advento da máquina e o início da Revolução Industrial, houve uma mudança no papel social da cidade, ela deixa de ser uma estrutura de proteção e passa a ser uma entidade viva e mutável. Atualmente, vemos uma nova mudança na relação do indivíduo com a cidade, há uma quebra no paradigma da diferenciação do espaço interno e externo, tornando a cidade um espaço de convivência e interação social.

“Onde antes as pessoas se encontravam ligadas pelas instituições sociais e formavam as suas identidades em grupos, uma característica fundamental do cotidiano hoje é que ansiamos por criar as nossas próprias identidades. É nesta criação e re-criação do Eu, muitas vezes de formas que reflectem a nossa criatividade, que se encontra o traço fundamental da ética criativa.” (FLORIDA, 2002)

A globalização trouxe novas perspectivas à tona quando surgiu no fim do século passado e no início deste, novas ideias surgiram vindas de reflexões que ressignificaram a nossa forma de se relacionar com o mundo gerando novos entendimentos e organizações de ordem econômica e urbana, através do fim dos limites geográficos para a comunicação e os espaços ao nosso redor. A Economia nas décadas finais do século XX já começava a ser repensada em uma nova dinâmica pautada na valorização do conhecimento como um diferencial no fator econômico e em novos olhares em relação ao papel da cidade como a valorização de seus diferenciais culturais, como ilustra Ana Carla Fonseca Reis (2012):

A economia criativa sugere uma nova lógica econômica, fomentadora de modelos alternativos de organização de negócios, de profissões antes inexistentes, fortemente respaldada pela expansão do conceito de cadeia setorial para o de redes de valor integradas, por processos colaborativos e pela valorização das singularidades locais. Os resultados econômicos, culturais e sociais obtidos pelas cidades mais atentas a essas dinâmicas são muito inspiradoras. (REIS, 2012, p. 219-220)

Neste cenário as cidades, passaram a ser repensadas como um centro em que a valorização e a potencialização de sua capacidade criativa, através do resgate de bens culturais e históricos, ajudassem a amenizar problemas urbanos trazendo qualidade de vida para o cidadão.

É neste contexto que Charles Landry cria o termo “Cidades Criativas”, que segundo Reis (2011), caracterizam-se por sucessivas inovações fundamentadas na conexão de pessoas, religiões e ideias, associadas a espaços intra e extra urbanos, público e privado, e ao mundo. Dentro deste contexto, a cultura assume o papel de alicerce das Cidades Criativas, provindo criatividade e transformando a realidade social, econômica e urbana dos espaços públicos. Deste modo, é uma nova forma de pensar a estrutura da cidade através da imaginação e da inovação exaltando principalmente o resgate do valor cultural. Segundo Landry (2006), uma Cidade Criativa “necessita de perceber as ferramentas da competitividade urbana, tais como a capacidade das suas redes, a sua riqueza e profundidade cultural, a qualidade da sua administração, a consciência do design e a compreensão de como utilizar o seu conhecimento simbólico e perceptivo e consciência ambiental”.

Este “rompimento” com o modelo tradicional de cidade, como já abordado anteriormente, é voltado para um desenvolvimento mais humano da cidade com políticas voltadas para a integração dos habitantes dentro dos espaços públicos, resgate e valorização de patrimônios sócio-culturais, estímulo à criatividade e a inovação. O quadro 1 sintetiza as principais características que diferenciam os dois modelos de cidade: Tradicional e Criativo.

MODELO DE CIDADE TRADICIONAL	MODELO DE CIDADE CRIATIVA
Políticas de desenvolvimento local/regional	Políticas integradas de desenvolvimento local/regional
Planeamento e gestão Urbana	Planeamento e gestão urbana integrada
Urbanismo e arquitetura	Urbanismo funcional e arquitetura inovadora
Conexões verticais, hierárquicas	Conexões horizontais, não hierárquicas
Políticas sectoriais de apoio à cultura, com a oferta limitada de atividades	Políticas culturais e oferta diversificada de atividades
Economia	Economia da Cultura e do Conhecimento
Gestão das empresas e organizações	Gestão criativa das empresas e organizações
Marketing territorial	Marketing territorial e <i>Branding</i>
Gestão pública dos bens culturais	Inovação tecnológica, criatividade artística e boagem empresarial dos produtos culturais
Criatividade pouco incentivada e reconhecida	Estimulo à criatividade e seu reconhecimento
Visão dominante do sector público, apartado do sector privado e sociedade civil	Construção de uma visão partilhada – sector público, sector privado e sociedade civil
Classe institucional	Classe criativa

Quadro 1: Características do Modelo de Cidade Tradicional e Modelo de Cidade Criativa.

Fonte: SANTOS, Joana. O modelo de cidade criativa enquanto sistema privilegiado na aplicação da Estratégia Europa 2020.

A Cultura é o alicerce da Cidade Criativa, seu conceito neste caso vai muito além da inventividade e do talento pessoal, ela pode ser encontrada no artesanato, produtos, serviços de pesquisas, tradições locais, festivais, rituais, culinária, língua, hobbies, história patrimônio histórico, artístico e industrial. Em suma, a partir dela podemos identificar a história e evolução das cidades, contextualizar a situação em que se encontra e explorar as potencialidades culturais do lugar como explica Landry (2011, p.15):

“Levar a cultura em consideração nos ajuda a entender de onde um lugar vem, por que ele está como está e como pode criar seu futuro, por meio de seu potencial. Esses recursos culturais são a matéria-prima da cidade e sua base de valores; seus ativos, substituindo o carvão, o aço ou o ouro. Criatividade é o

método para explorar esses recursos e ajudá-los a crescer. A tarefa que os urbanistas têm é de reconhecer, administrar e explorar esses recursos, de modo responsável. A cultura deveria moldar as características técnicas do planejamento e do desenvolvimento urbanos, ao invés de ser vista como um acessório marginal a ser considerado [...].”

A inovação também é uma das bandeiras promovida pelas Cidades Criativas, a partir dela que a cidade se reinventa, resultando em uma mudança no olhar dos cidadãos sobre a mesma e as suas potencialidades. A reutilização de espaços, criação de novos, a mescla de atividades culturais neles e novas formas de pensar governança são alguns exemplos do uso da inovação neste ambiente. Criatividade e inovação se complementam dentro deste ambiente através da busca pelo novo e do uso da imaginação aplicada para o desenvolvimento e criação, podendo ser levada para diversos campos como explica Landry (2011):

As pautas de criatividade e inovação estão ligadas. A pré-condição para ser criativo é estimular as pessoas a serem curiosas. Com curiosidade, é possível desencadear a imaginação e, com esses atributos, é possível ser criativo. Nesse substrato, novas ideias, processos, tecnologias, produtos e serviços podem ser inventados. Se as invenções forem aplicadas, elas se tornarão inovações. A essência da criatividade é uma engenhosidade multifacetada e a habilidade de avaliar e encontrar soluções para circunstâncias ou problemas inesperados, inusitados e desafiadores. Também é um processo de descobrir e possibilitar que o potencial se concretize. É imaginação aplicada, usando qualidades como inteligência, inventividade e aprendizado ao longo do tempo. Isso significa que a criatividade pode se manifestar em qualquer campo, do social ao político, do organizacional ao cultural, do tecnológico ao econômico. Ela requer uma atitude de abertura, flexibilidade e habilidade para pensar de modo transversal às disciplinas e aos limites.

No campo das organizações públicas e privadas, o grande desafio dentro da inovação é superar a lógica de competitividade baseada na capacidade de se produzir bens e serviços de uma forma padronizada para se inserir em um estágio de produção voltado para eficiência, inovação e sustentabilidade, pautados em uma governança democrática e participativa com ampla transparência dos investimentos provenientes dos setores públicos

A conexão dos indivíduos com os espaços urbanos e com os demais cidadãos se faz necessária dentro da lógica das C.C., pois, ela ajuda a despertar o sentimento de pertencimento em fazer parte de determinado ambiente causando a aproximação pela exaltação da cultura local e tornando-se assim um polo de atração

para talentos criativos afinal “a criatividade precisa de inspiração, que advém da interação com outros” (VERHAGEN, 2011, p. 110).

Os espaços públicos são o cenário da cidade, é neles que se dão as relações, integração entre os cidadãos como explica Reis (2012, p. 74): “o papel dos espaços públicos é crucial – são palcos de conexão de diversidades, ideias e atividades e do compartilhamento da própria cidade. É neles que a cidadania de fato se exerce e por meio deles que os cidadãos se conectam à cidade”. Além de Reis, outros autores como Landry, Jaime Lerner, Jane Jacobs e Einat Kalisch Rotem defendem o papel de integração dos espaços públicos que dão contorno às C.C. e abordam a necessidade de se estimular encontros e (re)criar os espaços que pertencem a comunidade. A qualidade do espaço público influencia na qualidade de vida da cidade, já que o mesmo representaria o resumo da relação entre o indivíduo e seu ambiente urbano (LERNER, 2011). Por fim, é preciso ampliar os mapas mentais de cada habitante, incentivando-o a ter contato com áreas que normalmente não frequentaria (REIS, 2012), possibilitando assim a percepção da importância da cidade, seus valores culturais e de cada espaço pelo cidadão.

Na cidade criativa, os parques, as praças e as ruas funcionam quando as pessoas percebem, em primeiro lugar, que [...] as qualidades históricas dos espaços urbanos são o maior ativo das cidades e formam a base da vida urbana, de suas experiências e identidade. A mistura de casas residenciais, lojas, escritórios e empresas torna os espaços urbanos vias ocupadas, locais para perambular e para desenvolver várias atividades ao longo do dia (IVERSEN, 2011, p. 132).

Segundo Landry, “um ambiente criativo é um lugar, seja um conjunto de edifícios, uma parte de uma cidade, uma cidade como um todo, ou uma região, que contém as condições necessárias, em termos de infraestrutura *hard* e *soft* para gerar um fluxo de ideias e invenções.” O capital humano necessário para gerar uma parte desta infraestrutura no fluxo de ideias e invenções é chamado de Classe Criativa. Representada por artistas, os profissionais das novas mídias ou design e pesquisadores das universidades, pertencentes à cidade ou não, ela “é fortemente voltada a grandes cidades e regiões que oferecem uma diversidade de oportunidades

econômicas, um ambiente estimulante e comodidades para qualquer estilo de vida possível” (FLORIDA, 2002).

A cidade criativa, por ser um organismo dinâmico e em constante mutação, possui uma complexidade de características próprias e profundas, às quais, através do seu próprio processo de desenvolvimento, vão sendo adicionados novos atributos que contribuem para que a mesma possa ir respondendo aos novos desafios que vão aparecendo. No quadro 2, estão as sínteses das principais idéias de alguns autores que identificam esses fatores/características-chave das C.C., seguidos das áreas de atuação, país de origem de cada um, definições, características e condições:

AUTOR (FORMAÇÃO)	ORIGEM	DEFINIÇÃO	CARACTERÍSTICAS & CONDIÇÕES
Charles Landry (Arquitetura)	Inglaterra	Um lugar que estimula e incorpora uma cultura de criatividade no modo como os stakeholders urbanos atuam.	Recursos culturais; diversidade; políticas públicas transdisciplinares; engajamento cidadão; presença da criatividade em todos os setores da sociedade e da economia; conjugação de hard e soft; estruturas regulatórias e incentivos à criatividade; valorização e atração de talentos.
Richard Florida (Economia)	Estados Unidos	Cidades nas quais há prevalência de classe criativa.	Altos índices de talento, tecnologia e tolerância, com especial ênfase a baixas barreiras de entrada a talentos criativos.
David Throsby (Economia).	Austrália	Cidades nas quais as atividades culturais fomentam um ambiente urbano economicamente próspero e agradável para a moradia.	Atividades e indústrias culturais diversificadas e com forte impacto econômico; infraestrutura social e cultural; equipamentos culturais consolidados; altas concentrações relativas de emprego criativo; atratividade para investimentos
John Howkins (Jornalismo)	Inglaterra	Cidades nas quais as pessoas se sentem à vontade para explorar ideias por meio de aprendizado e adaptação e nas quais mudanças são corriqueiras.	Abertura constante para novas ideias; prevalência de grupos auto-organizados, informais e colaborativos; mercado de trabalho sofisticado; conexões internacionais. Quatro indicadores: diversidade, mudança, aprendizado e adaptação.

Neil Bradford (Ciências Políticas)	Canadá	Locais de experimentação e inovação, nos quais ideias florescem e pessoas de todas as formações se unem para fazer de suas comunidades lugares melhores para viver, trabalhar e se divertir.	Diversidade; pensamento holístico; reconhecimento da interdependência econômica, social, ambiental e cultural; foco em desenvolvimento; engajamento comunitário diversificado para resolver problemas urbanos complexos
John Hartley (Letras)	Austrália		Cultura; educação; olhar multissetorial; multiculturalidade; reunião de opostos (por exemplo, público/privado, cultural de elite/popular, consumidor/cidadão)
Allen J. Scott. (Geografia)	Inglaterra		Forte incidência de setores criativos (especialmente indústrias da nova economia, como alta tecnologia, serviços corporativos e financeiros, indústrias de mídia e culturais, manufatura artesanal), além dos limites imediatos da cidade; organização em clusters; mobilidade de capital; redes verticalmente não integradas de unidades de produção especializadas e complementares; trabalho qualificado por projetos e em times; demanda por produto; política de desenvolvimento inclusivo.
Jaime Lerner (Arquitetura)	Brasil	Cidade que tem um sonho coletivo passível de ser traduzido em qualidade de vida. Sustentabilidade, mobilidade e solidariedade;	“sociodiversidade” (diversidade de idades, rendas, usos, funções); identidade; autoestima; sentimento de pertencimento; integração; liderança; governança com corresponsabilidade entre os agentes; integração das várias regiões.

Quadro 2 – Sinopse de autores, definições e características aplicáveis às cidades criativas

Fonte: REIS, 2011, p. 55

A partir de uma breve análise do quadro 2 pode-se concluir que os autores concordam em vários pontos quanto ao que é necessário para que uma cidade passe a ser considerada criativa, porém, é preciso destacar que para prosperar se necessita deter por base uma boa Governança, apoiada numa estratégia de longo prazo, que seja capaz de gerar consenso e confiança (REIS,2011) além de incentivo à participação e surgimento de atores criativos neste processo.

Por si só, a era criativa não resolverá nossos problemas, não melhorará nossas sociedades, não curará nossas desigualdades. Nos Estados Unidos, os maiores centros criativos têm a mais alta incidência de desigualdade no país.

Sem políticas e respostas públicas apropriadas, ela pode nos dividir entre os criativos que têm e os que não têm. Nossa tarefa é construir uma comunidade criativa, uma sociedade criativa, não apenas uma economia criativa. (FLORIDA apud REIS, 2012, p. 51)

Dentro da configuração de uma Cidade Criativa podemos encontrar espaços nos quais a criatividade é reproduzida e pesquisada, estes são conhecidos como Clusters:

O termo Cluster tradicionalmente é definido como agrupamentos geográficos de empresas do mesmo sector, fornecedores de produtos e serviços e instituições associadas (por exemplo universidades, associações empresariais, etc.) que cooperam e competem entre si. (Michael Porter, *The Competitive Advantage of Nations*).

Inserido dentro do contexto da Economia Criativa, o termo “Cluster Criativo” denomina os espaços aonde são consumidos e produzidos bens culturais, ou seja, funcionam tanto para o entretenimento quanto para o trabalho. São empresas sem fins lucrativos, instituições culturais, espaços de arte, artistas individuais, parques de ciência e centros de mídia. Necessitam de diversidade cultural e inconformismo para crescer, pois se desenvolvem normalmente em espaços urbanos, que apresentam características distintas mas que se conectam com o mundo. Vale ressaltar que a criação de um cluster criativo necessita de apoio e coordenação da administração local para se sustentar.

Um cluster criativo requer muito mais do que a visão padronizada de um parque de empresas próximo a um campus tecnológico. Inclui instituições sem fins lucrativos, instituições culturais, equipamentos culturais, artistas, parques científicos e centros de mídia. Clusters criativos são locais de trabalho e residência, onde os produtos criativos são produzidos e consumidos, nutridos por diversidade, em cidades multiculturais que têm sua distinção e também conexão com o mundo. (Creative Clusters Conference, 2003).

A Universidade se insere dentro das Cidades Criativas como um Cluster de infraestrutura de suporte da criatividade, pois é nela que estão os pesquisadores, o desenvolvimento de tecnologias e estudos de inovações que buscam o desenvolvimento da sociedade, e no caso de financiamento público, gerar o retorno. Além disso nas Universidades há ofertas de programas de mobilidade acadêmica que

estimulam o intercâmbio entre alunos, professores e funcionários contribuindo ainda mais para o aumento do multiculturalismo dentro das C.C. como veremos a seguir.

2.2.1 A importância do olhar estrangeiro sobre a Cidade Criativa

Para alguns autores um fator que contribui para as cidades identificarem suas potencialidades criativas é a presença de estrangeiros. Estes por não estarem inseridos dentro da identidade cultural da cidade tem o poder de identificar tudo que lhe é diferente gerando sensações que vão de maravilhamento a experiências negativas e conseqüentemente possuem facilidades para identificar as singularidades (características distintivas de determinado local) do ambiente, por exemplo uma rua específica, um prato da gastronomia local, um estilo de música específico da região, um artesanato, um parque, datas comemorativas, monumentos históricos, entre outros.

A busca dessas singularidades requer um "olhar estrangeiro", o olhar do estranhamento, da percepção do diferencial. É o olhar que lançamos sobre uma cidade (um distrito, uma rua) desconhecida e que nos causa encantamento, maravilha ou, em caso negativo, eventualmente resistência e repulsa. É a partir do diapásão pessoal que percebemos notas locais distintas das que conhecemos. Todos já passamos por situações nas quais algo nos soa ou parece "diferente" - acolhedora e saborosamente diferente. (REIS,2011)

Para Richard Florida (2005) a diversidade (multiculturalismo) é um fator diferencial para a atratividade das Classes Criativas nas cidades, basicamente para o autor a geografia econômica do talento está associada à diversidade e conseqüentemente à tolerância com o diferente, gerando "baixa oposição à entrada de capital humano" (Florida, 2005) e facilitando o cosmopolitismo nas cidades. Vale ressaltar que o elevado número de capital humano não está diretamente relacionado com o potencial de produção criativa das cidades, porém os diversos olhares culturais sobre ela auxiliam no despertar criativo.

Para Howkins, "a criatividade pode florescer em qualquer lugar. Mas, se quisermos ir além da criatividade, para uma ecologia criativa, é preciso haver diversidade, mudança e capacidade de adaptação, com escopo e escala suficientemente amplos". Ou seja, não há uma característica excludente para definir se

determinada cidade tem potencial para se inserir no modelo criativo, mas é necessário que haja uma estrutura para que se sustente este modelo passando pelas mudanças de mentalidade, percepção e vontade, afinal “a cidade criativa se caracteriza por estar em um permanente processo de inovação, por apresentar conexões das mais diversas ordens; e porque tem na cultura a grande fonte de criatividade e diferenciação social, econômica e urbana”. (REIS,2012,p.77).

a própria essência da cidade criativa depende de sua habilidade para construir um sonho coletivo e mobilizar os esforços de seus cidadãos, para transformar esse sonho em realidade – um esforço que pode ser realizado por qualquer cidade, pequena ou grande (LERNER,2011, p.39).

O conceito de Cidades Criativas propõe uma ressignificação do olhar sobre a cidade, principalmente por parte da classe criativa que a enxerga como um verdadeiro laboratório para que as ideias sejam postas em prática. Daí que surge a importância do termo “Criaticidades” criado por Reis (2013) que é o “olhar das cidades sobre si mesmas, descobrindo seus potenciais e singularidades e o como esse ativo tão precioso da criatividade pode gerar riquezas econômicas, culturais e sociais”. Assim, no próximo tópico compreenderemos a importância das Universidades como um centro Criativo tanto no sentido da extensão como no de mobilidade acadêmica, pois ambas promovem o relacionamento com a sociedade e a troca de experiências culturais.

2.3 Análise da importância da mobilidade acadêmica no cenário atual

A internacionalização das universidades vem conjuntamente com o processo de globalização e a reflexão acerca das mudanças de paradigmas. Pensar a relação didática-pedagógica a nível global torna-se fundamental neste cenário, até para não cair em um buraco vazio e sem sentido. É preciso que os estudantes ampliem sua formação nos aspectos acadêmico, profissional e pessoal, e neste sentido, a universidade possui papel fundamental. A internacionalização no campo da educação é reconfigurada para atender a essas novas capacidades decorrentes das mudanças impressas pela dinâmica social que se delineiam nos anos finais do século XX e se

aprofundam neste início de século. Neste contexto, a educação superior, à medida que cumpre a função de produtora e propagadora de conhecimentos, é vital para o crescimento tanto de países desenvolvidos quanto para aqueles em desenvolvimento. (CASTRO;NETO, 2012)

A ideia de mobilidade entre universidades de diferentes países foi sistematizada com a Declaração de Bolonha, em 1999, por países europeus, que tem como objetivo elevar o grau de competitividade do ensino superior europeu. Com esta declaração, organizou-se uma sistemática de ação por parte deste continente, a fim de unificar cursos, grades curriculares, metodologias de creditação, para que o processo de equivalência e integração fosse mais absorvido e competitivo. Vale a pena ressaltar que esta declaração se dá no auge do pensamento neoliberal, sendo temática de debate para vários teóricos da educação, sendo que alguns criticam a forma como a educação foi interpretada a partir daí, vista como um produto dentro da ótica competitiva do capitalismo, e outros debatem o potencial destes acordos para a promoção de uma educação mais intercultural. Entretanto, é de comum acordo, que, abriu-se um espaço de diálogo sobre a questão dos fluxos migratórios a partir do intercâmbio acadêmico. Este tipo de relação é uma parceria bilateral que, para ser genuína, tem como fonte primária a luta contra o etnocentrismo, o preconceito em prol da abertura para o novo, da aceitação e do aprendizado através da diversidade e da percepção dos diversos talentos humanos.

Uma das facetas mais visíveis da internacionalização da educação é a mobilidade acadêmica. Entende-se por esta a possibilidade dos estudantes realizarem uma parte de seus estudos em outra universidade, no exterior ou não. No que diz respeito ao aprendizado de estudantes, Teichler fala que aprender e pesquisar em outros países é uma das formas mais eficientes de se adquirir conhecimento, ter perspectivas mais complexas, pensar de forma comparativa, expandir horizontes, refletir melhor sobre os temas estudados. Pesquisar em terras estrangeiras pode provocar surpresas e esta sensação é essencial para o desenvolvimento de estudantes mais criativos, curiosos e mais ativos. (TEICHLER, 2004, p. 10-11).

Recentemente, em 2009, aconteceu o encontro chamado World Conference on Higher Education , em Paris, que teve como tema as Novas Dinâmicas da Educação Superior e da Pesquisa para a Mudança e o Desenvolvimento da Sociedade. Os eixos centrais abordaram os seguintes aspectos: responsabilidade social da educação superior, o acesso à educação, a equidade e a qualidade do ensino e da pesquisa e os impactos da internacionalização, do regionalismo e da globalização na educação. Estas práticas, segundo o encontro devem ser incentivadas, com respeito à diversidade, às realidades locais e ao diálogo intercultural. Segundo o documento gerado pela Conferência, as instituições de ensino superior têm a responsabilidade social de criar ponte entre as brechas de desenvolvimento, criando formas criativas de gestão do conhecimento e encontrando soluções para não somente ampliar a circulação de cérebros entre as fronteiras como também aliviar o impacto negativo que a internacionalização possa ter no desenvolvimento de práticas pedagógicas. Neste sentido, as parcerias universitárias são parte da solução almejada e possibilitam a ampliação da compreensão mútua e a cultura da paz, através de acordos equilibrados e que garantam colaboração multilateral e multicultural. Segundo dados da OCDE (2009) - Organização para a Cooperação e Desenvolvimento Econômico, desde a década de 1970 o número de estudantes matriculados em instituições fora do seu país de origem aumentou mais do que quatro vezes, sendo de aproximadamente 2,7 milhões.

Sabe-se que em torno de 60% dos estudantes em intercâmbio são provenientes de países em desenvolvimento que se deslocam para países desenvolvidos, enquanto 30% realizam mobilidade acadêmica entre países ditos desenvolvidos. Cerca de 10%, apenas, realizam intercâmbio entre países em desenvolvimento (ENNAFAA, apud NOGUEIRA; AGUIAR; RAMOS, 2008). Para o Ministério das Relações Exteriores do Brasil, “o estreitamento dos laços políticos e econômicos entre povos que compartilham herança histórica e vizinhança geográfica permite enfrentar melhor os desafios do mundo globalizado” (BRASIL, 2008).

No Brasil, foi definido o Programa Brasileiro de Mobilidade Científica, também conhecido como Ciências Sem Fronteiras, que “busca promover a

consolidação, expansão e internacionalização da ciência e tecnologia, da inovação e da competitividade brasileira por meio do intercâmbio e da mobilidade internacional.” (BRASIL, 2011). Sua implementação é de suma importância para o cenário interno brasileiro e principalmente, para o cenário global. Entretanto, neste programa, há uma prioridade desmedida para áreas das ciências exatas e tecnológicas, ficando visível o esquecimento em relação às outras áreas do saber. A partir disso, a maior crítica a este programa é justamente o pensamento neoliberal enraizado na internacionalização da educação, favorecendo algumas áreas em detrimento de outras, somente por uma lógica econômica.

Por isso, se faz mais que necessário o debate mais a fundo sobre os programas de intercâmbio para que haja maior acesso por parte de mais áreas do saber e conseqüentemente mais estudantes. Acordos que fortaleçam a comunidade latinoamericana também são mais que bem-vindos, já que a região possui brechas comuns e que necessitam de uma interpretação mais local, sem anular a importância do pensamento e contexto global. Este assunto também está intimamente ligado com a acessibilidade ao ensino superior público no Brasil e na América Latina. Pioneira na criação de uma rede de universidades que promovem a mobilidade acadêmica no cenário latinoamericano, a presença da Asociación de Universidades Grupo Montevideo (AUGM)², nasce em agosto de 1991 para dar resposta aos desafios que atravessava a vida universitária no mundo, conforme já exposto neste trabalho. Um conjunto de universidade públicas de países como Argentina, Bolívia, Brasil, Chile, Paraguai e Uruguai se juntaram com o objetivo de contribuir com o fortalecimento de capacidades de estudantes e áreas do saber na região, assim como promover a interação dos membros desta rede para difundir o conhecimento adquirido com a sociedade em geral. Atualmente, a rede conta com programas de mobilidade acadêmica com estudantes de graduação e pos-graduação; intercâmbio de docentes, jornadas e eventos contribuem para a articulação e mobilização da rede em si.

² Mais informações disponíveis em <<http://grupomontevideo.org/sitio/>>

O processo de internacionalização no campus da Unesp em Bauru é evidente e está em crescimento devido aos fatores abordados acima. O encontro dos estudantes se dá pelo movimento natural destes no ambiente universitário e na realidade local (participação nas aulas, festas de república, hospedagem solidária), o que é uma forma válida de encontro, porém, se tratando de programas de internacionalização que promovem uma educação intercultural embasada na diversidade cultural e respeito ao intercambistas, estes encontros poderiam ser mais estruturados para que haja uma maior absorção da experiência do intercâmbio. O “Brasil de Todo Mundo”, em sua época de atuação, realizou as suas atividades com uma média de sessenta estudantes internacionais de diversos países. Atualmente, não foi possível identificar a quantidade exata de estudantes internacionais no campus e tampouco quanto estudantes locais já realizaram algum tipo de mobilidade acadêmica. Esta abordagem quantitativa dos programas de intercâmbio e suas particularidades se faz necessária para assim oferecer informações detalhadas sobre cada programa. Estas e outras informações básicas deveriam estar expostas de forma transparente na página da AREX e dos ERAPIs, ajudando na autonomia na pesquisa por estudantes e sociedade em geral.

Ainda falta uma análise mais detalhada com dados mais específicos para que seja realizado um estudo mais aprofundado, verificando informações importantes para o desenvolvimento de parcerias institucionais internacionais, como: países que mais recebem estudantes brasileiros, países que mais enviam estudantes ao Brasil, cursos envolvidos, programas curriculares, etc. Com estas informações e sua análise, é possível visualizar maiores oportunidades dentro deste cenário, fomentando a pesquisa científica, a inovação social e a interculturalidade. Outra deficiência é a publicação de dados quantitativos referente aos acordos de cooperação estudantil e quais as instituições parceiras para que a comunidade acadêmica tenha acesso e saiba das oportunidades de uma forma mais autônoma. Os ERAPI no campus de Bauru realizam um trabalho importante no que tange esta questão. Atualmente, é visto a presença de atividades burocráticas e necessárias, porém muitas vezes acabam travando o processo criativo e inovador do ambiente. Uma alternativa seria a alocação de mais

peças interessadas no tema, desenvolvendo e acompanhando pesquisas quantitativas e qualitativas sobre o intercâmbio acadêmico, partindo do próprio escritório. Com isso, haveria uma gestão do conhecimento e das informações sobre o tema, ajudando nas atividades diárias e na apresentação de resultados para a comunidade acadêmica e em geral.

Com estas informações mais detalhadas, poder-se-á trabalhar a cooperação internacional pela via interinstitucional, e a partir daí com fortalecimento de parceria, novos acordos e projetos interculturais. A cooperação internacional, pela via interinstitucional, caracteriza-se, segundo Stallivieri (2004), por se fundamentar em condições que resultariam em uma real cooperação e, conseqüentemente, em benefícios entre os parceiros. Assim, considera condições relevantes neste processo o reconhecimento dos atores que protagonizam a cooperação, o seu comprometimento com os modos de cooperação, o efetivo planejamento no intuito de precisar os objetivos, as atividades, os prazos de execução, além do processo de avaliação das ações propostas e implementadas.

No cenário bauruense e no contexto do aprendizado em Relações Públicas, em 2014 foi realizado um Acordo de Cooperação entre a Universidade Estadual Paulista (Unesp), campus de Bauru-SP, e a Universidade de Sevilha (Espanha). Este mostrou a potencialidade de acordos interculturais a nível interinstitucional pois, além de mobilidade acadêmica, o acordo realizado por professores do curso em questão, ainda promoveu um concurso, intitulado “De la Clase a la Cuenta/Da Classe ao Mercado”³ entre estudantes das duas universidades, colocando os estudantes como parte fundamental do processo de estruturação da parceria.

Iniciativas como essa representam não apenas uma oportunidade legítima de aproximação do estudante de graduação a situações reais de atuação e da dinâmica profissional, mas também alinha um dos grandes objetivos das nossas universidades atuais que gira em torno da internacionalização e seus desafios. (...) o desafio em se estabelecer uma parceria de ensino-aprendizagem em Relações Públicas entre duas universidades de continentes distintos, revela, a partir da experiência vivenciada pelos participantes, ser rico e desafiante, uma vez que prevalece o intercâmbio e a negociação de culturas acadêmicas diferentes e perspectivas de formação com realidades políticas,

³ Mais informações sobre o projeto disponível em <<http://www.delaclasselacuenta.com/?lang=pt>>

sociais, econômicas e mercadológicas particulares. (SANTOS et al., 2014, p. 230)

O diálogo intercultural é, ao mesmo tempo, um diálogo intracultural, já que quando olhamos para o outro também podemos olhar para cada um de nós. Por esta razão, é que interculturalidade e intraculturalidade são processos complexos e contraditórios, porém de grande riqueza social e cultural. É necessário também levar em conta que, ao abordar temas de ciências humanas, lida-se com fenômenos complexos, pois eles não podem ser produzidos da mesma forma que ocorreram. Aí entra a importância de sistematização e estabelecimento de plataformas a partir de políticas sociais e culturais com projetos de educação intercultural.

A universidade está em prol de desenvolver e estabelecer plataformas de aprendizagem social a partir das transformações sociais. o processo de globalização trouxe e traz potencialidades transformadoras para que a comunidade acadêmica, a partir da integração de diversas áreas do saber, pense e formule estratégias que possam, junto com o capital humano e social, fomentar mudanças significativas na consciência social e construção de uma cidadania democrática. A universidade tem as parcerias, a relação e conexão necessária com a sociedade e seus diversos atores para que seja um processo ativo e participe.

Atualmente, em território nacional, há duas iniciativas de educação intercultural que colocam a “universidade como protagonista na construção de um outro sentido de integração, seja por sua própria natureza na produção de conhecimento, como pelo ambiente fértil para o desenvolvimento do diálogo intercultural.” (RICOBOM, 2010, p. 3742) que são: Universidade Federal de Integração Latinoamericana (UNILA) e Universidade de Integração Internacional de Lusofonia Afro-Brasileira (UNILAB). Estas duas instituições vão além dos acordos e parcerias institucionais pontuais e implantaram projetos políticos-pedagógicos interculturais que tem como objetivo principal o diálogo entre nações, promovendo o desenvolvimento regional e o intercâmbio cultural, assim como a cooperação internacional a partir da educação superior. Tanto a UNILA quanto a UNILAB promovem a integração de países e nações a partir de seus estudantes colaborando assim para uma ideia de diverso além do que

está escrito nos livros: coloca o diverso em contato, em encontro, em discussão e debate, para que a partir daí a diferença seja respeitada e vista como característica presente no contexto da integração autêntica. Ter este tipo de iniciativa no território brasileiro é muito importante para o desenvolvimento de um pensamento mais intercultural e também para um resgate de nossa história repleta de diversidade. Com propostas deste tipo, a ideia de integração não pode significar a imposição de valores universais por parte dos países mais fortes economicamente, tampouco deve ser estratégia de imposição de fórmulas prontas para o Estado, a economia e o desenvolvimento (RICOBOM, 2010). É necessário ressaltar que grande parte da literatura latino-americana considera o ensino superior como um agente de transformação social (além do desenvolvimento econômico), ou seja, as universidades possuem um papel social além do econômico.

No entanto, ainda se faz necessário o empoderamento deste debate mais aprofundado por parte das universidades. Além da promoção de acordos e tratados internacionais, a presença de ações de recepção, integração e acolhimento destes estudantes e suas culturas, é um aspecto importante para o desenvolvimento integral da internacionalização da educação, de forma que esta crie possibilidades de entrelaçamento dos mais variados aspectos culturais. Para tanto, uma das condições essenciais do diálogo intercultural é a criação de um ambiente de troca, da interação, da mobilidade, da circulação de pessoas. Um dos ambientes mais propícios, mas não o único, é a universidade, que por sua própria origem e função promove um espaço de troca. (FLORES, 2005). O maior desafio da integração de nossos países é estar em condições de criar redes de conhecimento, de comunicação política, de intercâmbio e processamento de informação, de cooperação acadêmica e de cooperação entre universidades e empresas. Grande parte do futuro depende dos progressos conseguidos com a educação, principalmente no nível superior.

Neste cenário cabe observar a relevância que as Relações Públicas, como área do saber e atividade profissional, assumem diante do contexto internacional e intercultural. Em relação ao aprendizado educacional, é importante manter atualizado o currículo escolar a partir do cenário atual e também dos desejos dos estudantes,

verificando a existência de novos saberes e absorvendo esta experiência estudantil. Na área profissional, reforça-se a identidade das Relações Públicas “na construção de relacionamentos por meio da comunicação bidirecional, a busca da harmonização entre os significados de culturas distintas e o foco no equilíbrio de interesses.” (SANTOS, et al, 2015). O seguinte trabalho também empodera as Relações Públicas para a gestão de espaços criativos, como é o caso das universidades, conjuntamente com uma equipe multidisciplinar.

Sobre as Relações Públicas, suas facetas e a sua importância em um ambiente global e intercultural, especialmente na promoção do diálogo entre interlocutores de países diferentes, o próximo capítulo traz referências básicas para a compreensão desta área e do profissional de relações públicas como mediador de projetos interculturais a partir da compreensão da comunicação intercultural.

3 RELAÇÕES PÚBLICAS NO PROCESSO DE MEDIADOR DA COMUNICAÇÃO INTERCULTURAL

3.1 A complexidade da diversidade: aportes para a comunicação intercultural

É preciso apreendê-lo totalmente [o fenômeno social], isto é, de fora como uma “coisa”, mas também de dentro como uma realidade vivida. É preciso compreendê-lo alternadamente tal como o percebe o observador estrangeiro (o etnólogo), mas também tal como os atores sociais vivem. [...] o que caracteriza o modo de conhecimento próprio das ciências do homem é o que o observador-sujeito, para compreender seu objeto, esforça-se para viver nele mesmo a experiência deste, o que só é possível porque este objeto é, tanto quanto ele, sujeito (LAPLANTINE, apud XAVIER, 1988)

Entender o homem e sua relação com o mundo exterior é uma tarefa desafiante das Ciências Sociais. A Antropologia foca no estudo do ser humano, no seu espaço e tempo, focando o estudo do homem e suas realizações sociais e culturais. Trazer esta ideia, por mais embrionária que seja, para o campo da comunicação é essencial para compreender o papel fundamental desta em um cenário de diversidade cultural.

Diverso combina com diversidade cultural. Mais que combinar, diverso é uma palavra que faz parte desta expressão tão usada atualmente e muitas vezes

pouco compreendida na sua essência. Segundo a Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura (UNESCO, 2001, p. 23), na Declaração Universal sobre a Diversidade Cultural, artigo 3: “[...] uma das fontes de desenvolvimento, entendido não só como crescimento econômico, mas também como meio de acesso a uma existência intelectual, afectiva, moral e espiritual satisfatória.” Assim, ao falar de diversidade cultural, fica claro a apropriação de que existem diferentes modelos e formas de viver e relacionar-se. Trata-se de um respeito à complexidade humana, que não admite visões redutoras e restritas, levando em consideração a perspectiva de um *mundo que contém muitos mundos*⁴.

François Bernanard (2005) propõe uma redefinição do conceito de diversidade cultural e compartilha a complexidade envolvida, assim como nos mostra novos caminhos. Cinco palavras são descritas para esta redefinição: “diverso”, “cultural”, “dinâmica”, “resposta” e “projeto”.

A primeira parece um tanto quanto óbvia, entretanto, o autor chama a atenção ao retornar à acepção latina da palavra. Do latim *diversus* e sua utilização nesta literatura, nota-se que o significado é o de “oposto”, “divergente”, “contraditório”, “diferente” no sentido ativo, o que coloca em xeque como esta palavra é compreendida usualmente. Mais do que um consenso amável e flexível, diverso advém da dimensão de movimento e de luta, de soltar-se, separar-se. Esta questão é provocante pois coloca a diversidade cultural como um campo em movimento, no qual o homem e seu diverso estão em constante diálogo com opiniões diferentes, e é isso que dá movimento a uma sociedade.

A segunda palavra, “cultural”, que parece ser facilmente naturalizada na expressão, deve levar em consideração a ideia de cultura, que é o elemento base das relações de poder e trocas simbólicas. Sendo um conjunto de símbolos, significados, artefatos, ideias e valores que caracterizam a maneira pela qual um grupo interpreta a sua realidade e se comporta diante dela, a cultura é um fenômeno coletivo, produzido e negociado por pessoas e que determina comportamentos humanos (FERRARI, 2001).

⁴ Expressão do movimento zapatista, verificada em: <http://www.espacoacademico.com.br/089/89hilsenbeck.htm>. Acessado dia 19 de março de 2015.

Cultura também é fazer e sofrer; é mudança e identidade e por ela, comportamentos e identificações, podem ser modificados. Novamente, vemos um movimento de luta, de encontro, que pode ser pacífico ou não, mas que certamente provoca o diverso da diversidade cultural.

A cultura não é um poder, algo ao qual podem ser atribuídos casualmente os acontecimentos sociais, os comportamentos, as instituições ou os processos; ela é um contexto, algo dentro do qual eles (os símbolos) podem ser descritos de forma inteligível – isto é, descritos com densidade. (GEERTZ, 1973, p. 24)

A ideia de “dinâmica” está ligada às duas palavras anteriores. É evidente a ideia de movimento, dinamicidade e vivacidade presente. Esta noção serve para desprendermos do caráter ingênuo da diversidade cultural e compreendê-la em uma dimensão complexa, seu fator destruidor mas também construtor de novas realidades.

Entender a diversidade cultural como “resposta” é entender que a partir do seu movimento, sua dinâmica, sua base cultural e sua diversidade, traz respostas à humanidade. Mas também questões. Este revezamento entre respostas e questões, provoca o interesse pela diferença, elemento enriquecedor da experiência humana.

Por último e não menos importante, pontuar a palavra “projeto” é aplicar recursos (físicos, intelectuais, políticos, sociais) por intermédio de um conjunto integrado de atividades, a fim de transformar uma parcela da realidade. Segundo Bernard (2005), este projeto é teórico, jurídico e político. Teórico para que se visualize a complexidade da questão e continuidade histórica. Jurídico para responder às exigências do cenário atual e comercial multilateral. E político, pois:

(...) é preciso aí também retomar as coisas em uma ordem que é apenas a da lógica e que reclama mais por inscrever *qualquer política possível da diversidade cultural* nas fundações edificadas (com frequência há muito tempo) pela filosofia, pelas ciências humanas e sociais e pelo direito. Então, a diversidade cultural poderá tornar-se *também* esse verdadeiro projeto político que ela não poderia evitar ser, a fim de afirmar, de reiterar a irredutibilidade da grande área educativa, linguística e cultural na esfera mercadológica, de impor de modo perene sua isenção das regras normativas do direito comercial - com o intuito de responder traço por traço à estratégia de dominação sem limite dos *majors* privadas por *uma estratégia sem reservas do interesse geral e público*. (BERNARD, François. p. 81, 2005)

Caminhando conjuntamente com esta ideia, abordar a noção de interculturalidade também é essencial e de grande importância para o trabalho aqui desenvolvido. Para a Interculturalidade, o simples sentimento de pertença não é o suficiente para a garantia de seus direitos fundamentais, como propõe o Multiculturalismo. Distinguir os dois conceitos é saber das suas limitações e desafios, importantes para o seguinte de propostas reais:

(...) enquanto o Multiculturalismo propugna a coexistência num mesmo espaço social de culturas diferentes sob o princípio da tolerância e do respeito à diferença, a Interculturalidade, ao pressupor como inevitável a interação entre essas culturas, propõe um projeto político capaz de estabelecer um diálogo entre elas, como forma de garantir uma real convivência pacífica. (ALVARADO apud LOPES, 2012, p. 69)

Uma abertura e perspectiva intercultural dá espaço ao conhecimento e reconhecimento da realidade do outro. Muito mais além que a tolerância, a interculturalidade pressupõe a interação entre o diferente, ou melhor, entre os diferentes. Este encontro não pode ser considerado, em sua maioria harmônico, pelo contrário, o encontro com o outro é conflituoso e muitas vezes doloroso. Em uma experiência como o intercâmbio acadêmico, deparar-se com uma outra cultura, outra língua, modos de viver diferentes, outro ambiente universitário, pode muitas vezes trazer uma nostalgia muito grande, afetando no desempenho nos estudos, no isolamento de relações e comprometimento integral da experiência do intercâmbio. Ter a noção de alteridade é imprescindível ao apreender a noção de interculturalidade, pois, assim, até o sofrimento do outro faz parte de mim.

A interculturalidade(...) representa uma experiência libertadora para todas e cada uma das culturas que interagem, por meio da qual podemos reconhecer os limites inerentes da nossa cultura e nossos mundos; e os mesmo tempo, porém, ela nos permite perceber o caráter infinito e transcendente de nós mesmos, de nossas identidades e de nossos respectivos mundos. (COLL, p. 51, 2006)

A absorção da ideia de interculturalidade no âmbito das sociedades multiculturais e da diversidade cultural, nos dá uma perspectiva de acesso universal ao outro, e trabalhar proposta sistemáticas a partir deste paradigma é visualizar horizontes otimistas de transformação. Entretanto, há de levar em conta o fator desafiante deste

propósito no âmbito organizacional/político/econômica/social/cultural que foi construído ao longo dos tempos em nossas sociedades. Assim, a interculturalidade é uma outra mirada em relação a educação, ao social, a teorias e metodologias existentes.

Ramos (2009, p.17), destaca constatações e perspectivas da abordagem intercultural, mostrando a amplitude do tema, sua inter-relação com a complexidade atual e a possibilidade de atuação ativa na sociedade. Foram escolhidos alguns pontos principais levando em consideração a relação destes elementos com o próximo tópico deste capítulo.

- uma visão estratégica, pois, para passar do multiculturalismo ao interculturalismo, torna-se necessário promover a relação entre as culturas, no entanto sem anular a identidade de cada uma delas;
- uma perspectiva multi/interdisciplinar, na medida em que os objectos do domínio intercultural são objectos complexos, plurais, heterogêneos e pluridimensionais, que não podem ser reduzidos a uma única abordagem disciplinar; uma perspectiva sistémica e multidimensional, necessária a uma visão global, dinâmica e interaccionista da complexidade e da diversidade e à construção de um pluralismo comum, implicando o reconhecimento ao mesmo tempo, dos indivíduos e das culturas e a integração das representações e das práticas educacionais nos contextos ecológicos, familiares, socioeconómicos, culturais e políticos em que estão inseridas;
- um novo paradigma conceptual e epistemológico, comum às diferentes áreas disciplinares que tratam a complexidade e a pluralidade;
- uma perspectiva psicossocial e pedagógica, visto que as problemáticas interculturais implicam o desenvolvimento de competências culturais, sociais, pedagógicas, comunicacionais, de competências individuais e de cidadania de todos os grupos, que permitam interacções sociais harmoniosas entre os indivíduos e as culturas e que promovam a consciencialização cultural, a comunicação e o diálogo intercultural e o funcionamento democrático das sociedades;
- uma perspectiva sociopolítica, dado que o interculturalismo não é, somente, um objectivo em si mas é, também, um instrumento para promover a coesão social, o exercício da cidadania, a igualdade.

A abordagem intercultural também tem suas exigências: desenvolver processos reflexivos, modelos pedagógicos e competências que colaborem para sociedades mais democráticas, favorecendo o trabalho em equipe e a percepção inter/multidisciplinar. Esta perspectiva também visa a promoção de um novo modelo de comunicação, de negociação e de gestão da diversidade cultural, como também o aprender a construir projetos e encontrar soluções conjuntamente para a resolução de conflitos e para a compreensão das relações interculturais e de interdependência . (RAMOS, 2009)

3.1.2 Comunicação Intercultural: um diálogo possível

No cenário atual, a comunicação tem papel fundamental para a integração de ideias diferentes e principalmente das ideias advindas de culturas diferentes. É no ato de comunicar-se que elas se encontram, se relacionam e este processo é transformador de realidades. Um dos grandes desafios da comunicação na atualidade é justamente interpretar estas mudanças no cenário internacional e promover um diálogo intercultural que vise o respeito às diferenças e a aberturas de canais onde diversas vozes sejam escutadas. Ou seja, a comunicação neste cenário, comprova a sua função social, devido a sua atividade que visa à transmissão de estímulo e à provocação de respostas. Para RABAÇA apud BRIONES (2002, p. 155) comunicação é o conjunto dos conhecimentos adquiridos e compartilhados. A palavra deriva do latim *communicare*, cujo o significado é: “tornar comum”, “compartilhar”, “repartir”, “trocar opiniões”, o que implica a participação dos indivíduos, interação e troca (emissão e recebimento) de informações novas.

Comunicação e cultura são a base do entendimento do diálogo entre os públicos de uma organização/sociedade/instituição. A interação, ao invés da adaptação, é um opção mais eficaz na gestão da comunicação e, em consequência, uma possibilidade de lidar com as diferenças culturais existentes em nossas sociedades multiculturais cada mais diversas. O dilema intercultural integrado com a comunicação, seus processos de mediação, seus profissionais envolvidos, sua ação e

função no mundo, explora pontos de contato ainda embrionários e que merecem destaque tanto no ambiente universitário como fora dele, realizando assim, a práxis⁵, situação tão almejada e realmente possível de se obter.

Neste trabalho, a abordagem da CIC será reduzida em comparação a sua extensa literatura e diálogo possível. Aqui, a necessidade da comunicação intercultural se faz necessária a fim de situar o leitor no universo da ideia do projeto que será proposto, para que seja visualizado a importância da discussão permanente sobre os temas envolvidos.

Abordar o conceito de Comunicação intercultural é ter em mente as profundas transformações nas relações culturais e sociais que acontecem a partir dos intercâmbios entre seus indivíduos. Essa mudança foi intensificada com o desenvolvimento e evolução tecnológica dos meios e veículos de comunicação, aumento dos mercados globais e também pela maior intensidade das relações sociais e políticas.

Na comunicação intercultural (FERRARI, 2001), a compreensão mútua da cultura do outro é de grande importância para que o processo de comunicação seja bem sucedido. Com isso, a comunicação intercultural visa a interação de diferentes atores sociais e culturais, com suas diferenças e semelhanças, de modo a atingir uma plataforma onde o respeito é o norteador de ambos os lados. De acordo com autores pesquisados, pode-se visualizar três etapas da comunicação intercultural: a primeira é o reconhecimento por parte dos indivíduos que admitem trazer uma programação mental e que os demais possuem hábitos e formas de pensar distintas. A segunda etapa é o conhecimento, onde as pessoas conhecem a outra cultura e tem que conviver com pessoas diferentes. E a terceira são as habilidades, que é a possibilidade de compreender os símbolos das diferentes culturas e reconhecer seus heróis, rituais e crenças. Esta relação é de mão-dupla, ou seja, ambos os lados devem se admitir diferentes e estarem dispostos a passar por estas três etapas acima. A comunicação

⁵ É a união que se deve estabelecer entre o que se faz e o que se pensa acerca do que se faz. A reflexão sobre o que fazemos em nosso trabalho diário, com o fim de melhorar tal trabalho, pode-se denominar com o nome de práxis. É a união entre a teoria e a prática. Para Paulo Freire, práxis é "a ação e reflexão dos homens sobre o mundo para transformá-lo" (PO, 58).

intercultural está na relação dialética entre o indivíduo e os grupos ou sociedades distintas. (HOFESTEDE apud FERRARI, 2001). Neste sentido, “a compreensão da cultura do outro povo expõe a sua normalidade sem reduzir sua particularidade. Isso os torna acessíveis: colocá-los no quadro de suas próprias banalidades dissolve sua opacidade” (GEERTZ apud BARBOSA, 2001).

Para este trabalho, abordar o tema da comunicação intercultural é levar em consideração a possibilidade de um diálogo possível entre indivíduos de culturas diferentes no momento de compartilhamento de experiências e dentro do ambiente universitário. Neste processo de interatividade, a comunicação é o cerne e o espaço de encontro das opiniões, provocando os indivíduos e fazendo o convite para uma participação efetiva de troca.

Aqui, diálogo é entendido como um campo de interações, harmoniosas e/ou tensas, no qual é necessário relativizar o que é falado dentro deste campo, afinal não é possível estabelecer um diálogo a partir de uma certeza absoluta. Há de se levar em consideração a relatividade do outro. Entretanto, em um ordenamento cultural como o atual, pensando em um sujeito autocentrado, esta ideia fica mais engessada e por vezes, dispersa. Por isso, a comunicação intercultural rompe esta concepção ao trazer o reconhecimento, conhecimento e compreensão de culturas diferentes. Em um momento de adaptação e interação dentro de um contexto intercultural, faz-se necessária a condução próxima dos fatos. Tal situação é configurada pela presença de pontos de contato que ligam o subjetivo ao objetivo, o pensamento à sua ação, e esta linha tênue é a mediação.

3.1.3 Mediação: espaço para a comunicação intercultural

No presente trabalho, além da proposta de ações pontuais para um projeto de integração e recepção de alunos estrangeiros, também é possível perceber a articulação de diferentes áreas e a inter-relação entre elas como também de indivíduos com distintas culturas e diferentes formas de viver no ambiente universitário bauruense e no período de intercâmbio. O interesse em entender quais são estes espaços e como as pessoas os utilizam torna-se muito importante para que o projeto tenha desempenho

e impacto positivo. A constante renovação das ações é a essência do projeto, visto que a cada semestre novos intercambistas e estudantes chegam, com novas culturas, línguas e ideias. A gestão do projeto também deve levar em consideração estas relações, promovendo assim a criatividade a partir do capital humano e social localizado no ambiente universitário.

O sujeito da comunicação não é o meio, mas a relação. Importante não é o que diz o meio, mas o que fazem as pessoas com o que diz o meio, com o que elas veem, ouvem, leem... Esta é a mudança. (BARBERO, 2009b, p. 14)

Neste espaço relacional, que vai muito além do físico, o grupo encontrou no conceito “mediação” presente na obra *Dos meios às Mediações...* Jesús Martín Barbero (1987a), um diálogo interessante que explora a sensibilidade da comunicação e dos meios na trama cultura, comunicação e política, dando corpo teórico para a proposta aqui apresentada.

Vale ressaltar que a teoria-metodológica do autor é extensa e complexa para ser abordada de forma profunda neste trabalho. Aqui se faz presente somente uma pequena semente do seu pensamento, afim de embasar teoricamente o trabalho em questão e também despertar o interesse da comunidade acadêmica para o estudos mais aprofundados sobre esta temática, que na opinião do grupo, é fundamental para compressão do processo de comunicação atual. Além disso, o autor, de nacionalidade espanhola e erradicado na Colômbia, mostra, com exemplos reais e pessoais de como os fluxos migratórios são potência para a troca de conhecimentos, dando o caráter de experiência em sua obra, e faz da América Latina e sua realidade o espaço propício para explorar caminhos possíveis, sensíveis e reais de transformação a partir da identidade cultural local. Isso tudo com uma humildade e sensibilidade que contagia o leitor, injetando coragem para seguir em frente com ideias e projetos inovadores na área de comunicação.

O autor define mediação como instâncias socio-culturais que atravessam e dão sentido ao processo de comunicação. Em sua obra, ele resgata a sensibilidade da

comunicação propondo um “mapa noturno”⁶ onde, mais além do ver, está o sentir dos processos da comunicação a partir das transformações sociais, políticas e econômicas dos últimos anos. Neste cenário, os fluxos migratórios (acadêmicos, laborais, turísticos, etc.) são parte fundamental destas mudanças.

Martín-Barbero vai mais além da análise das lógicas de produção e de recepção, e buscar suas relações de enfrentamento e pontos de contato a partir da mediação, isto é, “de los lugares de los que provienen las constricciones que delimitan y configuran la materialidad social y la expresividad cultural de la televisión” (Martín-Barbero, 1987, p. 23). Vale destacar que o objeto de estudo do autor é a televisão e seus programas de caráter massivo que dialogam com a realidade de uma sociedade, expondo a relação de um e outro.

Resulta sorprendente, sin embargo, el escaso diálogo entre ambas tradiciones analíticas, que pudiera no solo enriquecer a ambos modelos, sino también dar un paso hacia delante y propiciar el análisis de lo comunicativo en lo que tiene de específico y en sus articulaciones con otras zonas de lo social. Para abrir el debate, podríamos pensar la mediación como un proceso estructurante que resulta de la interrelación de los actores, agentes, procesos y prácticas comunicativas con distintas instancias (estructuras) y procesos sociales. Como proceso estructurante, dicho encuentro pone en juego constricciones y habilitaciones que condicionan, configuran y otorgan sentido a la comunicación. La idea de interrelación refuerza el carácter complejo del concepto al implicar además la posibilidad de transformación no sólo de la comunicación sino también de los restantes elementos de la relación. La incorporación de los actores y agentes a la definición intenta enfatizar que todos los procesos sociales son actuados y vivenciados por sujetos reflexivos que participan tanto de la continuidad como del cambio social. Por otro lado el estudio de la mediación requiere atender a sus distintas dimensiones y contextos pues se trata de procesos históricos que se articulan y rearticulan constantemente⁷. (TORRES, 2007, p. 208)

⁶ BARBERO, Jesús Martín. *De los medios a las mediaciones: comunicación, cultura y hegemonia*. 1987

⁷ Resulta sorprendente, porém, o escasso diálogo entre ambas tradições analíticas, que podem enriquecer ambos os modelos, como também dar um passo a frente e propiciar a análise do comunicativo no que há de específico e em suas articulações com outras zonas do social. Para abrir o debate, podíamos pensar na mediação como um processo estruturante que resulta da inter-relação dos atores, agentes, processos e práticas comunicativas com distintas instâncias (estruturas) e processos sociais. Como processo estruturante, este encontro põe em jogo restrições e habitações que condicionam, configuram e outorgam sentido para a comunicação. A ideia de inter-relação reforça o caráter complexo do conceito ao implicar além da possibilidade de transformação não só da comunicação mas também dos elementos restantes da relação. A incorporação dos atores e agentes a definição tenta enfatizar que todos os processos sociais são atuados e vivenciados por sujeitos reflexivos

Abaixo, o mapa do pensamento teórico de Barbero (figura 1). As relações entre as Matrizes Culturais e as Lógicas de Produção são mediadas por distintos regimes de institucionalidade. As relações entre as Matrizes Culturais e as Competências de Recepção e Consumo estão mediadas por diversas formas de socialidade. Entre as Lógicas de Produção e os Formatos Industriais estão as tecnicidades e, finalmente, as ritualidades medeiam os Formatos Industriais e as Competências de Recepção/Consumo (MARTIN-BARBERO, 2002, p. 227). Neste esquema, as mediações empíricas são lógicas da produção, matrizes culturais, competências de recepção e formatos industriais e os distintos conceitos de mediação estão a ligar objetos, lugares, processos concretos. (RONSINI, 2010).



Figura 1: Reprodução do Mapa das Mediações
Fonte: MARTÍN-BARBERO, 2009, p. 16

Abaixo, explora-se o mapa atualizado que coloca em evidência o tempo, espaço, as migrações e os fluxos. Sendo assim, as mediações passam a ser a transformação do tempo e do espaço a partir de dois grandes eixos, as migrações e o fluxo de imagens. Barbero tem seu estudo dos meios de comunicação a partir da relação destes com o sujeito, ou seja, a partir destas mediações e transformações. De um lado, grandes migrações de população, marca característica da mundialização e globalização. De outro, os fluxos virtuais. O autor sublima a importância de pensá-los conjuntamente. Os fluxos de imagens, a informação, vão do norte ao sul, as migrações vão do sul ao norte. Há a compressão do tempo, que pelo processo da globalização

que participam tanto da continuidade como da transformação social. Por outro lado, o estudo da mediação requer atender suas distintas. (Tradução dos dimensões e contextos pois se trata de processos históricos que se articulam e rearticulam constantemente autores)

tem sua compreensão a partir da instabilidade, e também a compressão do espaço e aí que o autor recompõe as duas mediações fundamentais anteriormente: a identidade e a tecnicidade. (BARBERO, 2009). Aqui, mediação é “o entendimento dos processos hegemônicos não estritamente derivados do poder político e econômico dos setores dominantes ou do sincronismo do relato com o tempo vivido, mas da textura dos distintos modos diacrônicos de experimentar o tempo e o espaço” (RONSINI, 2010, p.10)



Figura 2: Um mapa para investigar as mutações culturais
Fonte: BARBERO, 2009, p.12

Com esta nova configuração do mapa noturno, busca-se reconhecer que os meios constituem , hoje, espaços chaves de condensação e intersecção de múltiplas redes de produção cultural e poder, mas também busca ir contra o pensamento único que legitima que a tecnologia é o “grande mediador” entre povos, culturas e mundos. No mapa podemos ver que a tecnicidade é uma das formas de mediação possível, e que ainda assim, na verdade, o que a tecnologia media hoje, mais intensa e mais aceleradamente, é a transformação da sociedade em mercado. (BARBERO, 2003).

La lucha contra el pensamiento único halla así un lugar estratégico no solo en el politeísmo nómada y descentrador, que moviliza la reflexión e investigación

sobre las mediaciones históricas del comunicar, sino también en las transformaciones que atraviesan mediadores socioculturales, tanto en sus figuras institucionales y tradicionales - la escuela, la familia, la iglesia, el barrio - como el surgimiento de nuevos actores y movimientos sociales que, como las organizaciones ecológicas o de derechos humanos, los movimientos étnicos o de género, introducen nuevos sentidos de lo social y nuevos usos sociales de los medios. Sentidos y usos que, en sus tanteos y tensiones remiten, de una parte, a la dificultad de superar la concepción y las prácticas puramente instrumentales para asumir el desafío político, técnico y expresivo que conlleva el reconocimiento, en la práctica, del espesor cultural que hoy contienen los procesos y los medios de comunicación, pero de otra parte remiten también al lento alumbramiento de nuevas esferas de lo público y formas nuevas de la imaginación y la creatividad social⁸. (BARBERO, 2003, p. 19)

O legado de Martín-Barbero não é só em seu pensamento teórico-metodológico inovador, criativo e identitário. O intelectual também acredita na paixão e na esperança. Paixão, sentimento importante na caminhada de um pesquisador, afinal, quando se tem paixão as outras pessoas acreditam no apaixonado. E a esperança ajuda a pensar dias melhores e transformadores; esperança esta que vem de movimentos de resignificação do papel da mulher na sociedade, vem também dos jovens e seu frenesi criativo e contestador, as associações de bairro e movimentos populares que transformam a cada dia a vida de pessoas que tem paixões e esperanças. Esperança que se vê no rock, no rap e no funk, movimentos culturais que rompem paradigmas, refiguram identidades e ocupam novos espaços na coreografia das ruas. Estes e muitos outros bailarinos da sociedade, criam novas maneiras de estar junto e recriam a cidadania, reconstituindo assim, a sociedade. De forma plural, diversa e criativa. O grupo colabora com esta paixão pelo trabalho aqui exposto e pela esperança de uma integração cultural autêntica a partir do espaço da universidade pública. Espaço este que não é somente físico, mas é a mediação de saberes e atores

⁸ A luta contra o pensamento único acha assim um lugar estratégico não somente no politeísmo nômade e descentralizador, que mobiliza a reflexão e investigação sobre as mediações históricas do comunicar, mas também as transformações que atravessam mediadores socioculturais, tanto em suas figuras institucionais e tradicionais - a escola, a família, a igreja, o bairro - como no surgimento de novos atores e movimentos sociais que, como as organizações ecológicas ou de direitos humanos, os movimentos étnicos ou de gênero, introduzem novos sentidos do social e novos usos sociais dos meios. Sentidos e usos que, em seus ensaios e tensões remetem, de uma parte, a dificuldade de superar a concepção e as práticas puramente instrumentais para assumir o desafio político, técnico e expressivo que leva ao reconhecimento, na prática, da densidade cultural que hoje contem os processos e os meios de comunicação, mas de outra parte remetem também ao lento nascimento de novas esferas do público e novas formas de imaginação e de criatividade social. (Tradução dos autores)

transformadores e que necessita de uma maior abertura para o novo, o diferente, o preto, o branco, o amarelo, o latino, o europeu, o africano e tantos outros que tem sua voz calada e sua imagem invisível neste mundo de aparências.

O entrelaçamento do conceito de mediação abordado por Barbero com o projeto em questão, é justamente utilizar este espaço-tempo compartilhado por estudantes internacionais, nacionais, ambiente universitário e cidade como mediador desta relação de troca embutida naturalmente neste encontro. O projeto “Brasil de Todo Mundo” entra nesta história como mediador desta realidade, organizando e estruturando este encontro, com ações de recepção e integração, e colocando de frente a inter-relação dos atores, agentes, processos e práticas comunicativas com distintas instâncias e processos sociais que vem de diferentes realidades socio-culturais, nacionais e internacionais. Este encontro põe em jogo alguns paradigmas e acaba criando outros, quebra barreiras e fronteiras, e torna a experiência do intercâmbio ainda mais transformadora. Muito mais que somente ter estudantes internacionais, é importante sentir suas impressões e percepções, tornando-os parte da “textura” na evolução da educação intercultural.

Diante desta nova realidade que é o cenário contemporâneo globalizado, com transformações culturais e sociais a cada momento, as Relações Públicas e o profissional desta área também fazem parte desta “colcha de retalhos”⁹. É preciso, portanto, adotar modelos democráticos mais participativos, seja na promoção midiática dessa novas formas organizacionais, como também na composição de novas estratégias de relacionamento. Com este ponto de contato é que nos aproximamos da função política e social da área e conseqüentemente da atuação profissional, a importância de se desenvolver este tipo de pensamento crítico nos espaços educacionais e o desafio comunicacional destas dimensões.

3.2 As Relações públicas na Globalização: Papel social e Internacional

⁹ Expressão muito usada para evidenciar a diversidade cultural brasileira. Aqui empregada com o caráter de explorar a mistura de várias coisas: modos de viver, diferentes culturas e principalmente, a diversidade do mundo em que vivemos.

Inicialmente criada, nos EUA, a partir da preocupação das organizações de como a circulação de informações poderia implicar na construção de sua imagem-conceito de uma forma negativa, influenciar na relação com os colaboradores e no relacionamento com os públicos, as Relações Públicas tinham como razão de existir ser a “voz” de quem ela representa como explica Cláudia Peixoto Moura (2008):

“É justamente o fortalecimento da sociedade civil, com suas conseqüentes necessidades de discussão de temas relevantes e de mobilização política, que vai abrir espaço para o surgimento da atividade de Relações Públicas, demonstrando assim, o caráter eminentemente político das RP’s”.

Durante o século XIX, quando houve o surgimento das Relações Públicas, a atuação da profissão era isenta de preocupações éticas. Os primeiros práticas de RP eram feitas por agentes de imprensa, que tinham a função de persuadir os jornalistas para que fizessem publicações favoráveis a organizações, pessoas ou acontecimento. Em 1906 entra em cena a Declaração de Princípios,” um texto programático que marca o início do moderno conceito de relações públicas” (ANTUNES, 2009), idealizado por Ivy Lee que tinha como objetivo sintetizar sua filosofia a respeito de sua prática de Relações Públicas, revolucionando o conceito vigente na época.

Ivy Lee acreditava que dizer a verdade sobre as instituições era a melhor forma de obter a aceitação do público. Se a verdade podia prejudicar a instituição, a solução consistia em mudar o comportamento da instituição para que a verdade pudesse ser transmitida sem qualquer receio. A Declaração de Princípios é o exemplo mais conhecido do modelo de informação pública. Nascia a era do «público deve ser informado», abrindo caminho para as discussões contemporâneas sobre a responsabilidade social e a ética nas organizações. (ANTUNES 2009)

A partir daí surgiram vários conceitos e estudos a respeito das Relações Públicas, abrindo caminho para várias interpretações a respeito dos campos de atuação da profissão, como explica Roberto Porto Simões (1995) ao definir a polissemia das RP’s: “o termo Relações Públicas é polissêmico, isto é, possui vários significados. Verifica-se esta asserção observando-se o discurso de todos aqueles que tratam do assunto, pois com estas duas palavras visam identificar vários objetos.”

(SIMÕES,1995,p.45). Segundo, Cicilia Krohling Peruzzo (1986) definição mais aceita pelos profissionais da área e pelas universidades é a da Associação Brasileira de Relações Públicas (ABRP), a área é definida como a “atividade e o esforço deliberado, planejado e contínuo para estabelecer e manter a compreensão mútua entre uma instituição pública ou privada e os grupos de pessoas a que esteja direta ou indiretamente ligada” (ABRP apud Peruzzo, 1986, p.33). Ou seja, as RP’s necessitam de estratégias pensadas cuidadosamente para sua atuação, visando a continuidade do processo com o objetivo de promover o entendimento mútuo entre os grupos envolvidos.

As RP’s possuem propósitos comunicativos diferentes de outras áreas que envolvem a comunicação organização-público, como o marketing e a publicidade por exemplo. Enquanto estas áreas se preocupam em estimular a questão da oferta e procura focada no consumo, as RP tem como principal razão de existir a mediação de relacionamentos e a integração entre os públicos a fim de facilitar a tomada de decisões. A base para isso está nas Ciências Sociais que constituem a formação do RP.

As relações públicas cobrem o relacionamento de um homem, uma instituição ou ideia com seus públicos. Qualquer tentativa eficiente para melhorar esse relacionamento depende de nossa compreensão das ciências do comportamento e de como nós as aplicamos sociologia, psicologia social, antropologia, história e outras. As ciências sociais são a base das relações públicas. Se as ciências do comportamento tem feito qualquer contribuição para o novo conhecimento do assunto, é obvio que um conhecimento dessas ciências é básico para um assessor que tenta melhorar as relações entre um indivíduo, um grupo ou uma ideia e o público em geral (BERNAYS apud KUNSCH, 1997, p. 105)."

Baseado nesse olhar mais humano e crítico da profissão alguns teóricos de relevância levantam a questão das RP’s atuante dentro do campo social voltada ao interesse do bem comum, podendo contribuir na transformação da realidade local e servindo de instrumento útil para as classes trabalhadoras a partir de um “olhar” inconformado sobre a situação de opressão vivida por classes mais desfavorecidas dentro da lógica do capital. Essa área de atuação é chamada de Relações Públicas Comunitárias ou Populares, e tem como principal autora Peruzzo (1988):

Falar de relações públicas populares, ou comunitárias, significa falar de "novas" relações públicas. "Novas" no sentido de estarem comprometidas com a realidade concreta e com as necessidades e interesses majoritários da população sofrida, impossibilitada de usufruir dos direitos plenos de cidadania

Ao falar sobre a efetividade das RP's inseridas dentro do contexto social, Peruzzo (1988) defende a idéia de que as RP's devem se encontrar inseridas dentro do fluxo acompanhando a dinâmica dos movimentos e se constituindo conforme a exigência do contexto, além de estarem comprometidas com a transformação e promoção da igualdade social, atuando de "modo interdisciplinar, ou seja, correlacionadas com outras áreas da comunicação e com outras áreas do conhecimento" e pautadas na seguinte concepção de homem e mundo segundo a autora:

“ a) Acredita no homem, na sua potencialidade de construir uma sociedade justa e livre. b) Que enxerga a desigualdade social, as contradições de classes e quer o bem estar, a plenitude dos direitos da cidadania assegurados para todos os seres humanos. c) Acredita nas possibilidades de mudança. E na sociedade civil como gestora de mudanças e de nova hegemonia. d) Implica na interdisciplinaridade entre vários campos do conhecimento e da ação político-educativa. e) Que se realizem de modo orgânico ao interesse público e preferencialmente em experiências concretas e alicerçadas na metodologia de uma educação popular libertadora. f) Favoreça a ação coletiva, a autonomia, a partilha do poder de decisão, a coresponsabilidade (tanto pelas práticas participativas como pela implantação de políticas públicas em conformidade com as necessidades e interesses da comunidade) e, claro, respeitando a dinâmica própria, dos movimentos onde se inserem.” (PERUZZO, 1989).

Para Roberto de Paula Leite (1971), as Relações Públicas, em seu papel social, tem como objetivo “atenuar, diminuir ou mesmo resolver (o que seria impraticável) as diversas polarizações, os dilemas vivos, atuantes, na luta dos contrários, no jogo dialético em que consiste a medula da vida”. Fazendo um paralelo com os conceitos de Paulo Freire, Peruzzo (1986) sugere que quando o RP atua a favor das classes dominantes contribuem para a concepção “bancária”¹⁰ da educação tornando os indivíduos passivos e adaptados evitando o desenvolvimento de um

¹⁰ Em lugar de comunicar-se, o educador faz “comunicados” e depósitos que os educandos, meras incidências, recebem pacientemente, memorizam e repetem. Eis aí a concepção bancária da educação, em que a única margem de ação que se oferece aos educandos é de receberem os depósitos, guardá-los e arquivá-los (FREIRE, 1970, p.66)

posicionamento crítico por parte deste, porém, quando esta atua em favor da classe dominada ela se insere na concepção “problematizadora ou libertadora¹¹” da educação, pois ela “problematiza, desmistifica a realidade desocultando-a”. Também para a autora as RP’s a favor das classes dominadas propõe a aplicação de um processo pedagógico em suas ações optando pela “libertação dos oprimidos” e “superação da alienação”, possuindo assim 3 dimensões na visão de Peruzzo:

Portanto, três dimensões estão nas Relações Públicas populares no processo pedagógico: a conscientização, a articulação e a ação para a construção de um novo homem de uma nova sociedade. Então, Relações Públicas não são uma simples técnica ou um conjunto de técnicas, mas todo um processo científico em que se busca conhecer, articular e transformar o homem, a sociedade e o mundo para construir o mundo, a sociedade e o homem. (PERUZZO, 1986, p. 132).

A Globalização e as novas tecnologias também impactaram dentro das teorias das Relações Públicas, à medida em que o fluxo de informações aumenta, se faz necessário um profissional que saiba dialogar cada vez mais com públicos advindo de outras nações e possuidores de uma formação cultural diferente trazendo o desafio de se identificar formas de como dialogar com esses públicos, desenvolvendo e planejando ações levando em conta aspectos culturais, econômicos, tradição, religião e entre outros. É a partir desta preocupação que se levanta a reflexão sobre o conceito de Relações Públicas Internacionais apresentado por Wilcox, Cameron et al (2003, p. 378).

Relações Públicas Internacionais podem ser definidas como o esforço planejado e organizado de uma empresa, instituição ou governo em estabelecer relações mutuamente benéficas com os públicos de outras nações. Estes públicos, por sua vez, podem ser definidos como os vários grupos que são afetados, ou podem afetar as operações de uma firma, instituição ou governo em particular. (WILCOX et al., 2003, p. 378).

Levando isso em conta é pertinente dentro da área de RP Internacionais o estudo das teorias culturais, na qual Adler (1983, apud WAKEFIELD, 1996) identificou três determinantes de cultura: “é compartilhada por todos os membros de algum grupo;

¹¹ “A educação como prática da liberdade, ao contrário daquela que é prática da dominação, implica na negação do homem abstrato, isolado, solto, desligado do mundo, assim também na negação do mundo como uma realidade ausente dos homens.” (FREIRE, 1970. p.81)

membros mais velhos do grupo transmitem-na para os membros mais jovens; e por meio da moral, leis e costumes, a cultura molda o comportamento e as visões de mundo do grupo.” O estudo das formações culturais não só beneficiam a área de atuação da profissão como também a formação mais crítica por parte do profissional de RP, uma vez que, “refletindo sobre nossas próprias normas culturais e sociais, nós nos tornamos mais sensíveis, críticos e abertos a novas perspectivas” (TAYLOR, 2001, p. 637). Dentro do contexto multicultural em que estamos inseridos o principal desafio para as RP's enquanto área polissêmica é entender como funciona a construção das culturas, como elas se relacionam entre si e o que compartilham, como explica (SANTOS et al, 2015):

Em um mundo cada vez mais multicultural, o fenômeno da globalização coloca em evidência a necessidade da análise das formas pelas quais as culturas se relacionam umas com as outras, e simultaneamente, da consciência em relação aos valores que partilham. Segundo o Relatório Mundial sobre a Diversidade Cultural publicado pela UNESCO, em 2009, essa inter-relação e interdependência entre culturas estão levando nossas sociedades ao desenvolvimento de um diálogo intercultural, necessário para a convivência em um mundo diverso, no qual as interações culturais se tornam cada vez mais frequentes.

A partir do breve estudo sobre as RP's sua função social e a internacional, podemos perceber que a “essência das Relações Públicas está na necessidade do equilíbrio entre o individual e o coletivo” (FERRARI, 2003, p. 8), porém para se chegar nesse coletivo quando tratamos de relações interculturais, é preciso que o profissional esteja preparado para saber dialogar com estes públicos de diferentes culturas em prol de um entendimento e integração entre as partes. No próximo tópico abordaremos a respeito da atuação do profissional de Relações Públicas dentro de projetos interculturais, apontando as atividades relacionadas a gestão participativa, gestão da informação, análise de cenários e facilitação de processos.

3.3 O profissional de relações públicas na gestão de projetos: A importância do papel estratégico e a Gestão Participativa de Projetos.

Na sua concepção mais clássica, o profissional de Relações Públicas é aquele quem identifica os problemas de comunicação, define-os, planeja e implementa

planos de comunicação. Sua atuação se dá em diversas esferas de organização passando pelos 3 setores, nos quais o RP assume o papel estratégico, utilizando-se "das teorias de gerenciamento ou Administração" (KUNSCH, 2006). Em suma, as RP's contribuem para o posicionamento das organizações diante da sociedade, passando para os públicos de interesses, a razão de existir e os valores das mesmas, além de desenvolver ações para o fortalecimento da imagem e reputação da organização. Essa função mais estratégica das RP's se deu com o passar do tempo como explica Kunsch (2003):

Ao longo da história, a prática das Relações Públicas passou por grandes transformações. De uma função meramente técnica, é hoje entendida como uma função estratégica indispensável para que as organizações contemporâneas se posicionem institucionalmente e administrem com eficácia seus relacionamentos com os *stakeholders* (Kunsch apud Kunsch, 2006)

Para compreender a relevância do papel estratégico das Relações Públicas é necessário primeiro, segundo Ferrari (2003) “ter claro o conceito de estratégia, que podemos definir como uma habilidade comunicacional, fundamental para a prática eficaz da própria comunicação”, pois, ao lidar com seus públicos o profissional de RP necessita saber com quem ele se comunica, sua formação cultural e psicológica, além dos seus comportamentos e tendências desempenhando um papel de analista de cenários, ainda na visão da autora, o conceito de estratégia nos dias de hoje está ligado “à visão global de uma situação, seus recursos e seus objetivos – condições quantificadas a serem atingidas e mantidas.” (FERRARI, 2003).

A função estratégica da comunicação deve levar em consideração o “equilíbrio bem-estar social, mediante a melhoria da qualidade de vida e do trabalho, a construção de relações mais democráticas e justas que agreguem outros valores como a maximização do retorno, da competitividade e da eficiência organizacional”(FERRARI, 2003). Entende-se neste trabalho que as Relações Públicas tem atuação transectorial ou seja, ela possui técnicas e visões que podem ser, se adaptadas, de grande valia nos 3 setores da economia, inserindo-se de maneira estratégica dentro da sociedade e “fixando sua função social de práxis voltada para a

transformação social, no estabelecimento da integração entre Estado, sociedade e mercado.” (OLIVEIRA, 2007, p.181).

As atividades de Relações Públicas foram desenvolvidas inicialmente para atender ao segundo setor da economia, este “olhar” mais voltado para atuação dentro das organizações privadas constitui a definição mais conhecida da profissão, porém não podemos deixar de lado a aplicação destas atividades em outros setores. São neles, especificamente no terceiro setor, que a profissão ao atuar necessita se reinventar, pois ela não participa de um diálogo vertical, mas sim em uma perspectiva horizontal na qual ele está inserido dentro do fluxo e o principal objetivo é integrar as diversas “vozes” que se dão em situações não hierárquicas através das técnicas de RP's. A profissão neste campo de atuação funciona como um facilitador dos processos, como explica Peruzzo (2007) ao sintetizar o papel das relações públicas atuando na gestão participativa no âmbito comunitário no qual não se visa fins lucrativos:

(...) cabe às relações públicas, bem como às demais áreas da comunicação insertas nas experiências populares de gestão coletiva, respeitar os processos coletivos contruídos tornando-se parte integrante e não apenas órgãos externos de consultoria ou de mediação. Especialmente as relações públicas tem o papel fundamental de facilitar o processo de ação coletiva, no que diz respeito tanto ao relacionamento interno quanto às relações com os públicos de interesse externos, visando conquistar aliados e dar visibilidade pública às norvas formas de realização. (PERUZZO, 2007, pág.149).

Para se entender como funciona a Gestão de Projetos é necessário primeiro chegar ao conceito de Projeto. Este, é um empreendimento que opera sobre custos, prazos e uma qualidade definida a partir dos objetivos que dependendo podem torná-lo mais complexo. A Gestão de um Projeto então nada mais é que o planejamento, a programação e o controle de uma série de tarefas realizadas em prol de se atingir os objetivos. Harold Hezner, ao definir como deve ser a organização estrutural do projeto, defende que ela deve se dar de maneira horizontal, na qual, todas as áreas interagem e contribuem para o desenvolvimentos dos objetivos, como o próprio autor explica:

Uma gestão de projetos bem sucedida exige planejamento e coordenação extensivos. Assim, o fluxo de trabalho e a coordenação do projeto devem ser

administrados horizontalmente, não mais verticalmente, como ocorrida na gerência tradicional. Na administração vertical, os trabalhadores são organizados em cadeias de comando de cima para baixo. Por isso, têm poucas oportunidades de interagir com outras áreas funcionais. Na gerência horizontal, o trabalho é organizado ao longo dos vários grupos funcionais que trabalham em interação permanente. Isso permite uma melhoria na coordenação e comunicação entre subordinados e os seus gerentes. (HEZNER, 2002, p.16).

No caso de projetos que são desenvolvidos sem fins lucrativos, a gestão se torna um pouco mais complexa. As principais decisões não são tomadas por uma diretoria ou uma cúpula que determina os rumos da organização, mas sim, por todos que estão envolvidos, chegando sempre ao comum acordo para o bem do coletivo na hora de se tomar as ações. Em sua forma mais avançada, as organizações comunitárias tornam essa gestão participativa em um processo de autogestão que “rompe a relação hierarquica entre dirigente e dirigidos e pressupõe a partilha do poder de decisão entre o corpo de associados ou membros de uma organização...”(Peruzzo ,2007,p.143).

Vale ressaltar que mesmo visando um entendimento comum, o modelo de gestão participativa não exclui a existência de conflitos em torno de seu desenvolvimento. Ao falar sobre os problemas da gestão participativa no âmbito comunitário, ou seja, aonde não se visa o lucro, Peruzzo (2007), aponta que a gestão em si não é tão participativa quanto na teoria porém ressalta que há uma maior democratização nos processos:

O fato de operar em larga escala com trabalho voluntário, ao mesmo tempo que representa algo extraordinário do ponto de vista da participação cidadã, ocasiona muitas dificuldades operacionais. Com exceções, a gestão, na prática, não é tão participativa - no sentido autogestionário-como se prega. Em geral, há mais democratização no processo de geração e transmissão de conteúdos (partilha das grades de programação, por exemplo) do que na gestão da organização do meio de comunicação.(PERUZZO, 2007,p.148).

A partir do exposto e adaptando concepções para este trabalho, podemos compreender o quanto as RP's são importantes dentro do processo, assumindo uma posição estratégica que visa promover a interação entre os diferentes públicos que compõe um projeto e que ao mesmo tempo encontram-se dispostos de forma horizontal, o que quer dizer que não há uma ordem superior que se sobressai diante de

todas as decisões dos envolvidos. O RP aqui não é nem o principal mentor e nem a parte que menos influencia, ele encontra-se disposto da forma que o contexto exigir, realizando a mediação de todas as opiniões pautadas nos objetivos traçados pelo projeto. Esse caráter estratégico da profissão a faz importante dentro de projetos que dialogam com diferentes públicos como é o caso do “Brasil de todo Mundo” que veremos nos próximo capítulo.

4. PROPOSTA DE ESTRUTURAÇÃO:BRASIL DE TODO MUNDO

4.1 Analisando cenários

A análise de cenários se faz necessária para que os gestores de um projeto possam visualizar as possibilidades de atuação e planejar ações condizentes com a realidade local na qual o projeto será inserido. Ao mesmo tempo, a geração de cenários contribui para estimar como um futuro incerto pode reagir e como este pode ser influenciado pelas decisões realizadas. Em qualquer cenário devem ser pensadas atuações e mensagens proativas e reativas. Abaixo, serão analisados o cenário externo e interno da localidade que será proposto o projeto, a fim de saber mais sobre possibilidades e limitações.

4.1.1 Cenário externo: a sociedade bauruense e a possibilidade de integração cultural

A cidade de Bauru é conhecida como um pólo universitário do interior paulista. Com a presença de duas grandes universidades públicas, Unesp e USP, e outras particulares, sendo duas delas autóctones, USC e ITE, a cidade respira juventude. Estudantes vêm de diversas partes do Estado e do país para desenvolver suas habilidades e aprimorar seus conhecimentos. Além de estudantes, a cidade é um ponto de conexão muito forte entre o interior paulista e a capital. Bauru também foi a cidade que recebeu o maior número de entroncamento ferroviário da região, promovendo o intenso fluxo de pessoas, dinheiro e conseqüente desenvolvimento da

região. Entretanto, esta história é pouco conhecida entre os estudantes que vem de outras cidades. Saber da identidade local de um lugar faz com que se crie um laço mais estreito com a cidade, uma relação mais além que uma passagem. Relacionar-se com a identidade local é fazer parte da história e conseqüentemente, ser agente ativo e transformador desta realidade.

Por ser um espaço intenso de ir e vir (pessoas e histórias), a cidade serve como ponto de encontro. Fazendo um paralelo com a potencialidade da cidade e sua localização geográfica no interior de São Paulo, Bauru pode ser considerada uma cidade-coreto¹²: sons, brincadeiras, cores, amores e sabores encontram-se aqui. A cidade de Bauru é o que entendemos como Território Criativo, onde se desenvolvem diversas atividades humanas ligadas ao campo da economia criativa. Através de conexões e de inovação, a cidade cria e recria sua identidade cultural e seus aspectos históricos¹³.

A cidade também possui museus e espaços públicos de promoção à cultura, como o Museu de Imagem e Som (MIS); Museu Ferroviário de Bauru; Teatro Municipal; Casa Ponce Paz, homenageando um dos artistas da cidade. Indo ao encontro dessas instituições, Bauru conta com uma produção cultural independente muito interessada e ativa, que pressiona, de forma direta e indireta, a atuação destes espaços de cultura na vida dos cidadãos. Acesso Hip Hop, ONG Periferia Legal, Instituto Cultural Aruanda, Instituto Ayuaretê, Instituto Acesso Popular, Casa de Capoeira são alguns dos pontos que fomentam a cultura local e brasileira na região. Pelas redondezas também podemos ver e sentir a presença de nossos povos originários brasileiros, índios de várias tribos e etnias completam o mosaico que é a região. Estes aspectos são abordados aqui como forma de evidenciar a potencialidade da região no âmbito turístico-cultural, fortalecendo a cultura local e sua identidade. Este potencial se vê mais presente ainda na relação com os intercambistas estrangeiros que

¹² Atribuiu-se esta denominação para a cidade pelo significado e representação do coreto em cidades do interior: sendo uma cobertura situada ao ar livre, em praças e jardins, era utilizada para apresentação de bandas musicais e concertos, assim como para apresentações políticas e culturais, sendo um espaço de acesso público nas cidades.

¹³ Mais informações em: <<http://neocriativaunesp.blogspot.in/2015/03/conheca-economia-criativa-o-neocriativa.html#>> Acessado dia 12 março 2015

escolhem a região para estudar por um período de tempo. Este tempo em um outro país é uma relação de ganha-ganha para as pessoas participantes desta experiência e para os espaços de encontro, que sofrem uma resignificação e oxigenação com a presença de outras culturas e formas de ver o mundo. Sobre a presença de intercambistas na região, o grupo não encontrou dados sistematizados sobre o tema, o que também dificulta na implementação de ações periódicas para o público. Esta brecha pode ser preenchida a partir da pesquisa dos próprios órgãos universitários e públicos da região, oferecendo assim oportunidades de atuação.

Atuando diretamente com os estudantes e a idéia do fluxo de pessoas, temos a atuação da Associação Internacional de Estudantes em Ciências Sociais e Econômicas (AIESEC) que é uma organização constituída por uma rede global de jovens estudantes que busca promover o intercâmbio cultural oferecendo experiências dentro do 2º e 3º setor da economia possibilitando o desenvolvimento pessoal e profissional dos jovens através de programas de trabalho em equipe, liderança e intercambio. No cenário bauruense, a AIESEC se destaca por ser uma das maiores redes globais de intercâmbio estudantil, social e profissional e por desenvolver programas junto às comunidades carentes. A associação utiliza o espaço da universidade como forma de articulação e encontro de colaboradores para a causa. É percebido, então, o espaço universitário como ponto de encontro e ponto de articulação para essas novas ideias. A cidade, neste cenário, deve estar aberta ao novo, às novas ideias e às novas pessoas que chegam, para fortalecer assim o caráter criativo de cada cidade.

A integração cultural a partir do espaço físico da cidade é muito importante para o sentimento de acolhida por parte do novo morador. Sentir-se acolhido pela nova cidade é uma forma de “sentir-se em casa”, ou seja, à vontade para descobrir, para atuar , colaborando com a ideia de cidadão global consciente.

É claro que, neste panorama global, o protagonista não poderia deixar e ser o homem, membro de uma coletividade e portador dos direitos fundamentais, denominado por Bedin (2001, p. 21, grifo do autor) como o “cidadão do mundo”. Um cidadão que, em conjunto com a sociedade, deve lutar para que as relações internacionais sejam utilizadas em favor do “bem comum” (STRENGER, 1998, p. 35). Relações Internacionais, Editora LTr, 1998

É neste e com este cenário que o projeto “Brasil de Todo Mundo” se relaciona: articulando e mediando estes encontro a partir de ações e atividades com a cidade e região de Bauru. O projeto também visa a participação ativa destes estudantes no convívio social da cidade, conhecimento da realidade social e promoção da cultura local como parte fundamental da experiência do intercâmbio.

4.1.2 Cenário interno: campus da Unesp Bauru e a internacionalização da universidade

Os programas de mobilidade acadêmica internacional da UNESP são coordenados pela Assessoria de Relações Exteriores (AREX) que tem como principais atribuições assessorar no relacionamento da Reitoria com as demais universidades públicas e privadas, dar assistências às demais Unidades dentro da área de cooperação internacional e promover o intercâmbio cultural e científico com instituições no exterior. A Assessoria também é responsável pela divulgação das oportunidades de intercâmbio, obtenção de financiamentos advindos das esferas públicas e privadas e promoção de ações do potencial de desenvolvimento de projetos da Universidade junto às instituições, conforme a RESOLUÇÃO UNESP Nº 04, DE 1º DE FEVEREIRO DE 1993.

“Fixa a estrutura administrativa da Reitoria, em decorrência de alteração estatutária.

Anexo X - Assessoria de Relações Externas

1. Assessorar a Reitoria nas suas relações com entidades públicas e privadas externas à Universidade.
2. Dar assistência às Pró-Reitorias e às Unidades Universitárias na área de cooperação internacional.
3. Promover o intercâmbio cultural e científico entre a Universidade e instituições estrangeiras.
4. Planejar, organizar e promover a realização de eventos de iniciativa da Reitoria e Pró-Reitorias.

5. Assessorar as Pró-Reitorias na administração dos convênios que lhes são próprios, bem como, administrar as questões relativas aos demais convênios de interesse da Universidade.
6. Organizar e manter atualizado o sistema de informações sobre as oportunidades de financiamento e obtenção de recursos, oferecidos por entidades públicas e privadas, com potencial de utilização pela Universidade.
7. Desenvolver ações junto a órgãos de financiamento nacionais e internacionais, públicos e privados, no sentido da obtenção de recursos financeiros da Universidade.
8. Desenvolver ações de promoção do potencial de desenvolvimento de projetos da Universidade, junto a entidades e empresas públicas e privadas.”

O “pontapé inicial” para a Internacionalização da UNESP se deu no ano de 2010 com a Resolução Unesp nº 18/2010, na qual está descrita todas as normas e condições para que se de o processo de intercâmbio e como é feito o processo de validação dos créditos. Em um panorama geral cada campus possui Escritórios de Relações Internacionais (ERI) que está vinculado a AREX com o propósito de prestar toda assistência para os alunos interessados em ingressar em um programa de intercâmbio e acolher os alunos advindos de outros países, fortalecendo assim, o projeto de internacionalização. Nos campi da Unesp, este escritório recebe o nome de Escritório Regional de Apoio à Pesquisa e a Internacionalização (ERAPI) e atua prestando suporte na busca por moradia para os intercambistas, regularização da situação dentro do país e auxílio com as burocracias da faculdade.

A partir dos dados analisados no âmbito institucional é possível perceber que mesmo conectados a AREX cada escritório é apresentado de um jeito nos sites das faculdades, em alguns há um detalhamento da criação e do plano de internacionalização mas em outros há um número de informações muito restrito a respeito, também é possível constatar uma certa dificuldade em acessar os dados a respeito da criação dos ERI's e suas funções dentro da Universidade e o número de estrangeiros que a faculdade recebe em programas de mobilidade por período letivo dificultando o entendimento a respeito de como funciona a questão da integração dos alunos intercambistas, uma vez que só é possível visualizar a Universidade atuando na recepção e no auxílio com burocracias, não possuindo assim nenhum programa institucionalizado específico que busca facilitar o entrosamento dos estrangeiros com o ambiente universitário e conseqüentemente com a sociedade como prevê o tópico 3 da

resolução que criou a AREX, resumindo, há um intercâmbio promovido porém não há um acompanhamento que facilite o processo de acolhimento do estrangeiro dentro do contexto em que este se encontra inserido.

O Guia para os Estudantes disponível no site da AREX, assim como a sinalização do campus de Bauru são elaborados em língua inglesa, o que demonstra uma preocupação com a internacionalização, porém desestruturada uma vez que o uso do inglês para a comunicação com os intercambistas não leva em consideração o elevado número de estrangeiros que chegam dos países da América Latina tanto para a vivência em Bauru quanto para ingressar na Unesp.

A partir do estudo feito é possível constatar a importância dos órgãos responsáveis pela recepção dos estrangeiros em atuar em paralelo com a extensão visando promover a institucionalização dos programas de integração cultural dentro da universidade, proporcionando um ambiente no qual o intercambista se sinta confortável para contribuir tanto na produção quanto no aperfeiçoamento deste processo de internacionalização. A proposta de atuação do projeto Brasil de Todo Mundo se dá exclusivamente dentro do ambiente da Unesp Bauru, porém sua estruturação e desenvolvimento de ações não exclui a aplicação em qualquer lugar que busque promover o acolhimento e a integração cultural dos estudantes internacionais.

4.2 Brasil de Todo Mundo: seu nascimento, sua história e o que virá

O projeto “Brasil de todo Mundo” nasceu a partir da experiência do intercâmbio. Com esta oportunidade de conhecer um novo país a partir dos estudos, Vanessa Cancian, na época estudante de Jornalismo da FAAC, realizou um intercâmbio para Mendoza, Argentina. Ainda no intercâmbio, Vanessa teve a ideia de planejar algo que pudesse explicar mais sobre a cultura brasileira para os estudantes que chegam ao Brasil. Morando e vivendo em Mendoza, Argentina, sentia falta de mergulhar mais na cultura local, conhecendo as peculiaridades e diferenças daquele mundo com o qual se deparava.

Em 2012 o “Brasil de Todo Mundo” chegou na Unesp, no formato de oficinas que aconteciam semanalmente oferecida a todos que quisessem participar. Com o tempo, os estudantes foram se tornando adeptos do projeto. Cultura, música, gastronomia, turismo e tudo mais que a cidade, a região e o Brasil tivesse para apresentar virava tema dos encontros, que as vezes ultrapassavam os portões da Unesp para tornar as “aulas” mais diversificadas. No segundo semestre de 2012, Augusto, aluno de Jornalismo se juntou ao time para somar. Ele criou um projeto de oficinas de português para estrangeiros, e orientado pelo professor Marcelo Concário, deu mais força ao projeto ajudando os alunos com dúvidas e com aquelas exceções que a nossa língua possui. Outro parceiro importante na história do projeto é o Neocriativa, Núcleo de Estudos e Observação em Economia Criativa, com a presença de estudantes de diversos cursos e orientado pelo Prof. Dr. Juarez Xavier, que abraçou o “Brasil de Todo Mundo” e ajuda na articulação e mobilização do projeto.

Em 2013 mais gente chegou e outros partiram. Larissa Batista, recém chegada do seu intercâmbio em Córdoba e cheia de vontade de fazer valer a experiência que a Universidade Nacional de Córdoba tinha lhe trazido, entrou com toda sua energia no Brasil, ajudando e criando novas possibilidades. Passamos um ano cheio de mudanças, até que em agosto, Vanessa teve que se desligar do projeto. Giovanna Falchetto, capixaba e estudante do curso de Jornalismo também se deslumbrou com o contato que poderia ter junto aos intercambistas. Viajante e curiosa, ela entrou para o projeto com toda sua simpatia e compõe o time que dá continuidade ao “Brasil de Todo Mundo”. Sabendo da importância do projeto e da sua contrapartida social, Renato Belinelli entra nesta história com ideias novas e daí nasce a ideia de trabalhar o “Brasil de Todo Mundo” como Projeto de Conclusão de Curso para dar continuidade ao projeto agora sob amplas perspectivas. Renato também compartilha a sua experiência em dois intercâmbios, Portugal e Argentina, e compõe o projeto dando mais corpo e força.

O projeto, além de sua presença com ações locais com os intercambistas já descritas acima, também participou de ações externas, em congressos e

manifestações internacionais que abordam o respeito à diversidade cultural e interculturalidade, tais como: I Congresso Latinoamericano Cultura Viva Comunitária (2013), II Congresso Internacional de Jovens Latinoamericanos - Piura - Peru (2014 e 2015). O Brasil de todo mundo tem como objetivo divulgar e promover a Unesp como espaço de aprendizado intercultural com a presença em congressos, feiras e encontros que discutam novas formas de abordagem para que o projeto esteja sempre atualizado com novas abordagens e possa reproduzi-las no espaço da Unesp, campus Bauru.

Em sua atuação, nos anos de 2012 e 2013, o projeto promoveu a troca de saberes entre os estudantes estrangeiros da Unesp e setores culturais diversos da cidade de Bauru. Entre eles, a visita a comunidade indígena Nimuendaju, na qual vive o povo da etnia terena, passeios por museus de São Paulo como o Museu da Língua Portuguesa, Memorial da América Latina e Museu do Futebol. Ademais, tornou-se frequente também as ações feitas em parceria com pontos de cultura da cidade como o Yauaretê (ponto que difunde e promove a cultura caipira, indígena e afro-brasileira em Bauru e região), a Casa da Capoeira e grupos culturais como o Pávio de Candieiro (grupo de práticas e pesquisas de danças populares).

Também promoveu ações em conjunto com a UATI – Universidade Aberta à Terceira Idade da USC - Universidade do Sagrado Coração, dentro das oficinas de “espanhol e cultura latino-americana”, cujo foco era possibilitar que pessoas da terceira idade entrassem em contato com jovens falantes do espanhol de países diversos e pudessem intercambiar conhecimento e curiosidades sobre seus países. Nesse momento, a transversalidade da cultura possibilitou também aos alunos estrangeiros que se inteirassem sobre realidades diferentes do círculo acadêmico-universitário.

Outro ambiente que extrapolou os muros da universidade foi o Sesc. A programação difundida semanalmente nas oficinas fez com que o local se tornasse mais um ponto de encontro para o grupo. A pluralidade das atividades oferecidas na unidade em Bauru contribuiu para fortalecer as nuances apresentadas ao grupo, que puderam ver e viver experiências singulares relacionadas às manifestações culturais de diversas partes do Brasil.

O projeto, em seus anos de atuação, contou com a participação de, em média, sessenta estudantes internacionais oriundos de diversos países, como: Argentina, Chile, Colômbia, Dinamarca, Espanha, França, Paraguai. Outra característica importante do projeto é a presença de estudantes das mais diversas áreas pois não se tratava de um projeto somente para alunos de uma única unidade acadêmica. Esta abrangência é de suma importância para a integração dos estudantes e a experiência do intercâmbio tornar-se mais proveitosa, a partir do encontro de diversas áreas do saber e suas diferentes formas de pensamento.

Com a história do projeto, pode-se perceber a presença de estudantes da área de comunicação que tem interesses em comum e que querem compartilhar seus conhecimentos e experiências adquiridas no intercâmbio, além do desejo de fortalecer a cultura brasileira e local. A contrapartida social e cultural é a essência do projeto, afinal o conhecimento absorvido na experiência do intercâmbio é transmitido de diversas formas para outros estudantes que estão passando pela mesma situação. A empatia é um fator fundamental para o processo de integração intercultural. Saber dos medos e aflições; compreender a importância do acolhimento e recepção em uma experiência nova e absorver estes diferentes aprendizados é uma das características marcantes do projeto, por se tratar de uma iniciativa protagonista e de caráter estudantil no campus de Bauru. Além disso, fortalece e pressiona a Universidade na criação de um projeto político-pedagógico no nível institucional que tenha uma abordagem mais intercultural a partir da receptividade e integração de seus estudantes, absorvendo o capital humano existente nestes espaços e criando novas formas de participação.

A ideia do “Brasil de Todo Mundo” é mostrar e introduzir conteúdos relacionados ao universo da diversidade cultural brasileira para estrangeiros que se encontram no Brasil durante determinado período de tempo. Propondo de uma forma diferente que eles conheçam aspectos relacionados aos mais diferentes assuntos como história, nossa língua, música, cinema, arte, literatura, costumes tradicionais, tradições e tudo mais que representa a imensa e vasta cultura brasileira. Ir além dos

estereótipos já conhecidos e mergulhar em um colorido mundo de conhecimento e ao mesmo tempo de auto descobrimento. Compreender que ao conhecermos bem um novo país, também somos capazes de redescobrir nossas próprias origens, estando mais atentos à assuntos que anteriormente nunca se havia pensado. O projeto também ajuda a diminuir o choque cultural comum em situações de intercâmbio. O público de interesse do projeto são os estudantes internacionais de graduação, pós-graduação, mestrado e/ou doutorado; entretanto, há o grande interesse em que estudantes nacionais participem ativamente do projeto, a fim de disponibilizar as trocas culturais.

O propósito, razão de existir do projeto é situar culturalmente os estudantes estrangeiros em um país pluricultural como o Brasil, permitindo e criando mecanismos que fomentam um maior conhecimento sobre esse universo, por meio de ações intra e extra universitárias. Os objetivos que o projeto busca alcançar, sua visão é aprofundar as reflexões relativas ao universo cultural brasileiro para estudantes estrangeiros que se encontram no Brasil durante determinado período de tempo, enquanto realizam mobilidade acadêmica na Universidade Estadual Paulista, campus Bauru, a partir de ações inovadoras que promovam a conexão e relacionamento de estudantes internacionais com estudantes locais e também com a população local. Outro objetivo importante é evidenciar a inovação social que nasce de uma experiência intercultural e como a universidade, a partir de seu espaço agregador, tem potencial para absorver estas ideias a ponto de recriar um projeto político-pedagógico que leve em consideração a troca de saberes e conhecimentos além das estruturas formais de educação. Com isso, o processo de aprendizagem torna-se mais dinâmico, ativo e transformador. O braço principal do projeto é a promoção de ações de relacionamento com a universidade, a cidade e os estudantes, a fim de que se promova o encontro do diverso, colaborando com a finalidade educacional da universidade pública.

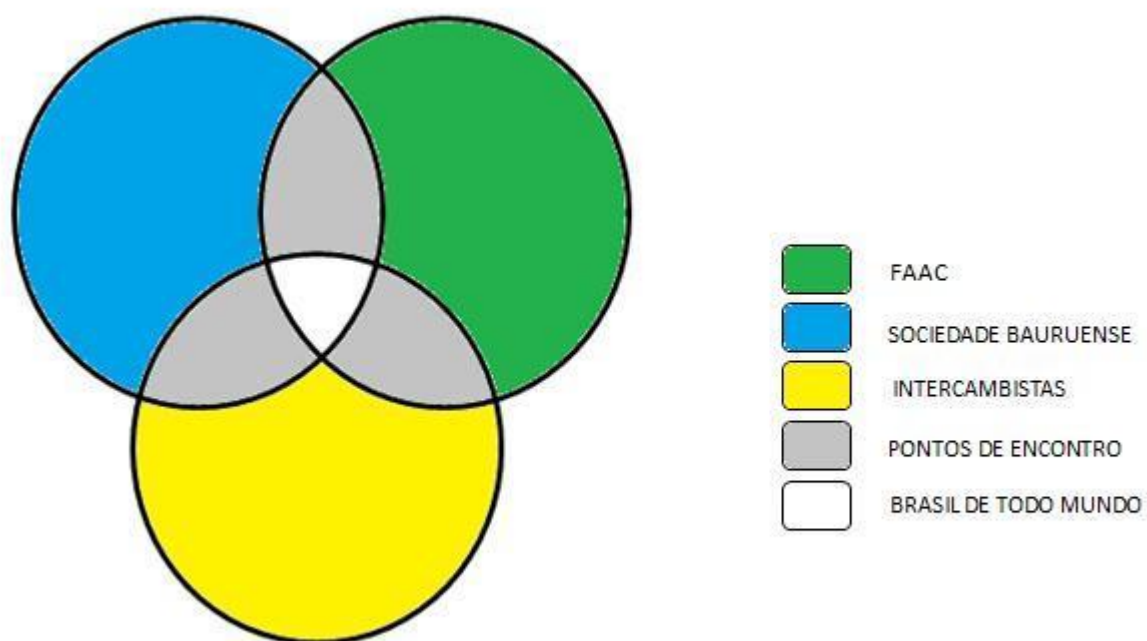


Figura 2: Fluxograma da realidade multicultural
Fonte: Elaborado pelos autores

4.3 Gestão do Projeto

O modelo de gestão pensado para o desenvolvimento das ações do “Brasil de Todo Mundo” como um projeto institucional da Unesp Bauru é baseado no Planejamento Participativo, que, segundo Danilo Gandin (2001) “foi desenvolvido para instituições, grupos e movimentos que não têm como primeira tarefa ou missão aumentar o lucro, competir e sobreviver, mas contribuir para a construção da realidade social.” Nesta escola do planejamento leva-se em consideração as pretensões de impactar na realidade contribuindo para a construção de pessoas e estruturas sociais, comumente utilizado por governos e com mais frequência dentro do ambiente escolar junto aos municípios. Ainda segundo Gandin, espera-se que com o planejamento

participativo as instituições possam “ter uma ação e um ser direcionados a influir na construção externa da realidade, ou seja, a serem, eles mesmos, apenas meios para a busca de fins sociais maiores” resultando na construção “de conceitos, de modelos, de técnicas e de instrumentos que permitam utilizar processos científicos e ideológicos e organizar a participação para intervir na realidade, na direção conjuntamente estabelecida.”

Vale ressaltar que no processo inicial da etapa de estruturação, o “Brasil de Todo Mundo”, não deve seguir necessariamente um modelo de projeto fixo, já que para a implementação institucionalizada do projeto, deve haver uma maior participação de outros atores sociais e institucionais que fazem parte do corpo universitário como docentes, funcionários e alunos envolvidos com a recepção dos estrangeiros tendo como objetivo trazer “diversas vozes” para o debate. Afinal a construção colaborativa de um projeto é o resultado do entendimento entre as partes envolvidas cujos objetivos quando não são os mesmos se tornam similares .

Compreendendo o caráter aberto e dinâmico deste projeto, o fazer comunicativo toma como tarefa criar uma interação própria entre projeto e seus públicos, por meio do compartilhamento de sentidos e valores. O planejamento da comunicação deve existir no sentido de “permitir a tomada de posições a respeito de questões críticas e estratégicas, associar e integrar os diversos públicos, através da criação, manutenção e fortalecimento de vínculos”. (BRAGA et. al. 2004)

O diagnóstico da comunicação em projetos mobilizadores, deve ser efetuado a partir da problematização dos vínculos. Para isso, os autores acima estabeleceram oito níveis que podem caracterizar a força e a natureza de tais vínculos, a saber: localização espacial, informação, julgamento, ação, coesão, continuidade, co-responsabilidade e participação institucional. É importante salientar que os níveis de escala de vinculação (figura 3) não se excluem, mas se somam, e ao avanço no processo, o seu vínculo com o projeto se fortalece, entendendo que a vinculação é um processo evolutivo e que se constrói a partir da intervenção da comunicação. Esta deve ser planejada para atuar sobre, principalmente, dois pontos: coesão e continuidade. Estes pontos são o elo entre ação isolada e efêmera e a ação co-responsável, que

chega a ser o ideal de projetos deste tipo. Logo, ações com este potencial equivalem ao estabelecimento de vínculos fortes, o que promove um caminho viável para geração da participação e efetivo êxito das iniciativas.



Figura 3: Escala de níveis de vinculação

Fonte: BRAGA, Clara S.; HENRIQUES, Márcio S.; MAFRA, Rennan L. M. (2004, pag.44)

No planejamento proposto, também faz-se necessário a identificação dos públicos envolvidos. Diferentemente dos modelos tradicionais de caracterização de públicos (interno, externo e misto), que traz fronteiras mais definidas, há uma diferença substancial em um modelo que aborda questões mais abertas e descentralizadas. Aqui, ao inserir a força dos vínculos como critério, o grau de informação e a incorporação de valores são a base para a segmentação.

Diante desta realidade, de construção de um outro modelo, baseia-se uma abordagem de que estes projetos constituem uma ampla rede de pessoas, grupo e instituições, que tem uma finalidade comum compartilhada, sentimento de co-responsabilidade e incorporação de valores. A ideia de rede vem da junção e interação de individualidades diversas com objetivos comuns a partir da colaboração.

Ao usar o termo redes, a principal característica é a presença de pontos de contato (nodos) e a interconexões entre eles e faz menção a diferentes teias de interdependência em mútua influência, colaborando com a ideia de fortalecimento de vínculos propostas no modelo do planejamento participativo. Para se ter uma rede coesa e forte são necessárias conexões duradouras, e a participação pode ser uma característica importante para este processo. Estas conexões abrem oportunidades para outras conexões e possíveis encontros com ideias diferentes, promovendo a inovação social dentro do ambiente que se organiza desta forma. (CAIRES, 2011)

Algumas características da abordagem em rede:

- Plasticidade: característica dinâmica que oferece a adaptação constante de novos contextos;
- Permanente atualização: incorporação de novos conhecimento e novas práticas fortalecendo a participação e geração de ideias inovadoras;
- Mobilidade do centro: existe sempre uma possibilidade de deslocamento do centro, permitindo ações autônomas de diferentes pontos que compõe a rede.

Tratando a ideia de redes em um modelo de gestão de projeto, há de se levar em consideração a tensão existente no processo de mudança. Por isso, fortalecer a ideia de conexões e co-responsabilidade entre os públicos envolvidos é de suma importância para se ter um andamento sustentável do projeto. Por sustentabilidade, entende-se a continuidade de ações, assim como a participação dos envolvidos e de um relacionamento duradouro.

A partir disso, os autores apontam para uma visão de públicos em três níveis, conforme exposto na figura 4, e que se relaciona com ideia de escala de vínculos (figura 3).



Figura 4: Mapa Tridimensional dos públicos

Fonte: BRAGA, Clara S.; HENRIQUES, Márcio S.; MAFRA, Rennan L. M. (2004, pag.54)

Os beneficiadores (B) são todas as pessoas e instituições que podem ser localizadas dentro do âmbito espacial de atuação do projeto. Legitimadores (L), além de estarem localizados no âmbito espacial também possuem informações a cerca da existência e operação do projeto, ajudando no reconhecimento da causa e podendo tornar-se colaboradores diretos em qualquer tempo. No nível três, há os geradores (G), grupo de pessoas ou instituições que organizam e realizam ações em nome do projeto.

Para a proposta que é o projeto “Brasil de Todo Mundo”, esta ideia primária de modelo e definição de públicos se faz presente no seu caráter ativo e de constante renovação de pessoas envolvidas, por tratar de estudantes estrangeiros. Estes, além de serem beneficiados com o projeto, também formam parte fundamental da produção e perpetuação das ações do mesmo. O envolvimento de estudantes que já realizaram intercâmbio acadêmico pela Unesp de Bauru também é uma proposta de atuação e definição de público, sendo caracterizados pelo nível de legitimadores. Por fim, e não menos importante, os geradores, neste projeto, é a rede de conexões construída através da relação entre os públicos envolvidos neste projeto.

Reiterando que, na visão do grupo, o projeto se sustenta a partir da participação institucional da universidade, possibilitando a resistência à descontinuidade de gestão, ou seja, que a prática do planejamento seja institucionalizada como uma prática gerencial independente de quem esteja na liderança superior da universidade, sendo continuamente reconstruída, ressignificada e apropriada pelos diversos grupos que constituem as instâncias da estrutura organizacional. Esta participação é vista como uma decisão estratégica para o modelo de gestão do projeto.

4.4 Promovendo encontros: estruturação das ações do projeto “Brasil de Todo Mundo”

Pautado em duas frentes , o plano de ação desenvolvido para o “Brasil de Todo Mundo” tem como objetivo estabelecer vínculos entre os intercambistas e o público da Unesp, além de, contemplar sua função enquanto projeto de extensão ao pretender desenvolver conexões entre os estrangeiros e o contexto da cidade de Bauru, promovendo o fortalecimento da importância da integração e acolhimento e o seu impacto no desenvolvimento conjunto da realidade.

O modelo de ações proposto não deve ser seguido como um padrão para o desenvolvimento do projeto, mas sim, como um ponto norteador para se pensar estratégias de fortalecimento do programa. É importante frisar que essas ações devem se modificar de acordo com as expectativas almejadas e atingidas dentro do Brasil de Todo Mundo e também segundo as necessidades apontadas pelos públicos envolvidos (docentes, funcionários, alunos, sociedade e intercambistas). A inspiração das atividades é resultado da vivência dos autores deste projeto durante seus respectivos intercâmbios nos quais constataram pontos fracos e fortes com relação ao que a Unesp pode oferecer enquanto anfitriã.

Neste primeiro momento, serão abordadas ações em um eixo vertical (relação intra universidade e extra universidade), mostrando ações que não tem, necessariamente, uma ligação direta e/ou obrigatoriedade de atividades antecessoras

e sucessoras. Ou seja, são ações que podem ser facilmente implantadas no ambiente universitário e que já terão um impacto positivo na comunidade. Depois das ações implantadas, a verificação da eficácia e do impacto ocorrido na comunidade deverá ser realizado para que haja uma avaliação e renovação de ideias. Esta avaliação de sustentabilidade do “Brasil de Todo Mundo” é feita em conjunto com os beneficiários do projeto. A avaliação dá a oportunidade de novas ações serem propostas e implantadas, a partir da experiência. As ações mantidas pela comunidade são aquelas que terão uma relação com o eixo horizontal do projeto, detalhada no próximo tópico. Atentar-se à este eixo vertical é poder visualizar as oportunidades de atuação junto aos estudantes estrangeiros. O eixo horizontal tem uma abordagem mais cronológica e conseqüentemente, com atividades antecessoras e sucessoras a um marco temporal e conector de realidade, no qual concentra grande parte da inovação criativa do projeto, o ápice da criatividade do encontro. Este refere-se ao tempo comum dos estudantes que ficam de seis meses a um ano, mantendo a conexão entre as ações e ao mesmo tempo, a renovação das mesmas a partir da relação público/ação. Vale a pena, por parte dos geradores/gestores estar a tento a este momento criativo do projeto.

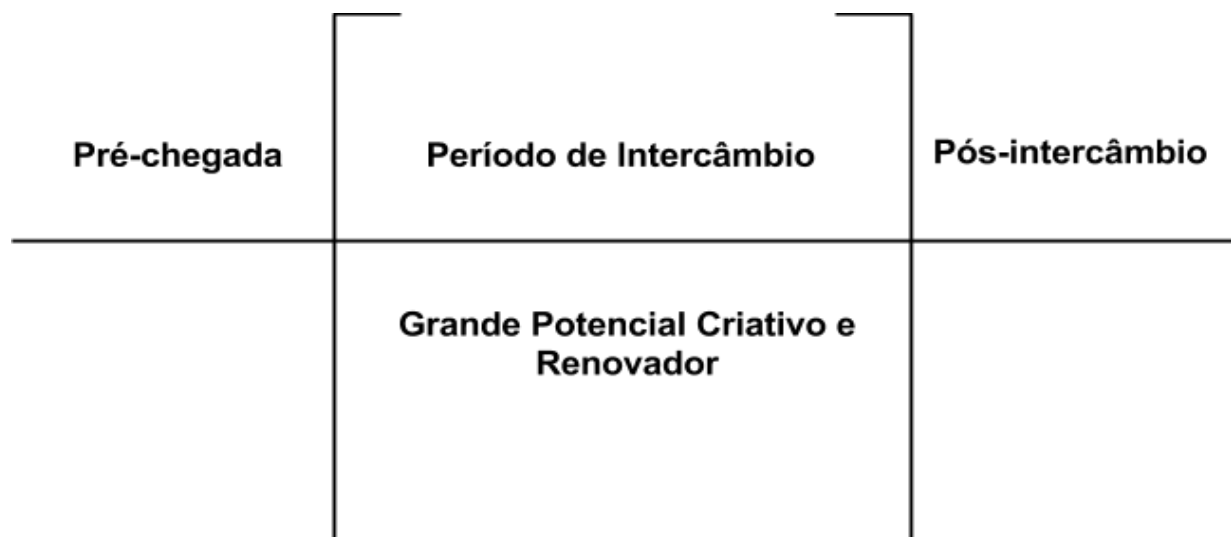


Figura 5: Relação Tempo e Criatividade no período de estadia de estudantes internacionais
Fonte: Elaborada pelos autores

4.4.1 Relação Intra Universidade

As ações desenvolvidas dentro do ambiente universitário tem como principais objetivos facilitar a inserção e a experiência de vivência dos intercambistas dentro do ambiente da Unesp, auxiliando na gestão da informação, aperfeiçoando o processo de acolhimento e estimulando a criação de produtos acadêmicos com a finalidade de expor a importância das diferentes visões a respeito de determinada área ou tema e aproximar estes alunos dos pesquisadores, além disso, as ações visam estimular os estrangeiros a participar (nem que seja por um curto período de tempo) dos projetos de extensão já existentes.

Visando facilitar a adaptação do intercambista ao novo ambiente que este se encontra inserido, o Brasil de Todo Mundo busca promover a conexão dele com os demais. Para isso, algumas atividades serão desenvolvidas durante a vivência, cada uma com seu propósito específico:

Jornada de Boas vindas: Consiste em apresentar a Unesp para os alunos, o campus de Bauru e toda a sua estrutura (departamentos, seções administrativas, localização das salas de aula e cadastro para o uso dos computadores, por exemplo), além de apresentar a extensão e os projetos desenvolvidos dentro da Faculdade. Para facilitar o processo, também será elaborado um guia com informações úteis sobre a cidade e a Unesp. O objetivo é facilitar a rápida familiarização com o ambiente físico da Universidade. Esta ação é de suma importância pois é um dos primeiros contatos do estrangeiro com a estrutura física e organizacional da universidade. Aqui também se faz presente a participação de estudantes que já fizeram intercâmbio e podem ajudar os novos estudantes como “padrinhos e madrinhas”, facilitando a integração social entre estudantes.

Aula de Português para estrangeiros: Já realizado pelo “Brasil de Todo Mundo”, esta ação visa derrubar as fronteiras da língua para amenizar eventuais

dificuldades que irão surgir com o passar da experiência. Esta ação foi muito bem recebida pelo público estrangeiro e é de suma importância tratá-la com atenção e periodicidade pois aprender a língua local é um pré-requisito para a comunicação básica em um novo país. Entretanto, a língua portuguesa e seu caráter híbrido, característica tipicamente brasileira, seus sotaques, gírias e formas de falar, acaba sendo vista com dificuldade pelos intercambistas, Por isso, esta ação se faz necessária.

Imersão na cultura brasileira: Esta atividade propõe a criação de um grupo de estudos sobre Cultura Brasileira, ensinando aspectos importantes da construção da nossa identidade cultural tanto no âmbito nacional como no regional. A idéia de imersão em nossa cultura tem como objetivo levantar aspectos diferentes e em comum que os países tem afim de se estimular a reflexão sobre as origens culturais de cada um, além de proporcionar a experiência cultural na teoria. Aqui, a ideia é abordar a Cultura Brasileira de uma forma mais aberta e dinâmica, utilizando intelectuais brasileiros que mostram a nossa cultura na essência e fazendo um paralelo com nossa realidade atual, seus processos históricos. A abordagem será a partir da intertextualidade com diversas linguagens: música, arte, teatro, expressões culturais, manifestações sociais, a fim de envolver os estudantes estrangeiros e desenvolver uma outra mirada, mais crítica e empática.

Atividades culturais: O objetivo desta é propor para o intercambista que este apresente seu país e um pouco de sua cultura para o campus, além de criar o ambiente de troca entre os alunos e a cognibilidade a partir do outro, a idéia é que o público do campus também tenha o conhecimento de onde vem os estrangeiros.

Ciclo de debates sobre Intercâmbios: Para se desenvolver esta atividade, pensa-se em reunir as vagas de intercâmbio disponíveis e os estudantes das universidades que oferecem vagas para que estes apresentem sua Universidade. A intenção é promover o encontro dos estrangeiros com os alunos que pretendem se

candidatar a um intercâmbio, e, a partir da troca de idéias, facilitar a conexão das pessoas que pensam em sair com o país de destino e prevenir eventuais dificuldades.

Banco de ideias interculturais: Ao fim do período de intercâmbio, será feita uma pesquisa para saber o nível de satisfação que o “Brasil de Todo Mundo” atingiu atuando com este público e absorver opiniões a respeito de ações que podem vir a melhorar o projeto. Também pretende-se criar uma rede de contatos entre os intercambistas, para que experiência de conhecer outros países não se limite só a vir para o Brasil e ficar alguns meses, mas sim, para fortalecer vínculos acadêmicos e profissionais entre estas pessoas. Parceiro estratégico nesta ação: Neocriativa.

Laboratório de pesquisas interculturais: O propósito desta ação é criar uma biblioteca virtual para que os intercambistas possam compartilhar seus trabalhos desenvolvidos tanto durante a vivência na Unesp e no Brasil, como os de antes e seus futuros estudos. Além de estímulo a produção acadêmica, esta ação tem na sua essência o desenvolvimento de um banco de dados acessível com diversos temas e autores internacionais. Parceiro estratégico nesta ação: Neocriativa.

4.4.2 Relação Extra Universidade

Ao frequentar o ambiente universitário, principalmente nas universidades públicas, é impossível não se ter em algum momento a reflexão ou o debate a respeito de qual o retorno que geramos para a sociedade, afinal todos os investimentos feitos dentro da Unesp dependem do dinheiro do Estado que é recolhido em forma de impostos da população. Durante toda a graduação escutamos a respeito do mercado de trabalho, suas tendências e a questão profissional, e cada vez menos há um debate crítico de como contribuiremos para impactar positivamente na sociedade a partir do que aprendemos durante a vivência universitária.

A idéia de inserir dentro do plano de ações a questão da integração e inserção dos intercambistas na cidade é justamente promover esse debate sobre a universidade e a relação com a cidade. Além disso, busca-se fortalecer a valorização da cultura local ao apresentar traços característicos da região.

Relação com a cidade: Explorando os espaços públicos da cidade, este tipo de ação fortalece a identidade local e memória coletiva da cidade. As ações propostas são de caráter turístico cultural e emancipador.

- Tours turísticos, visitas guiadas aos museus, viagens: estas ações servem para que o estudante tenha o contato com a história da cidade, saiba mais da sua cultura. Com isso, ele consegue melhorar sua experiência na cidade por já conhecer algumas características básicas do lugar. Além disso, o processo de identificar-se com certos elementos, fazem com que a experiência do intercâmbio seja mais prazerosa, pois a partir daí a pessoa cria um laço de identificação, e se visualiza como agente participativo da história deste local. Estas ações também ajudam no desenvolvimento e atualização da didática de ação cultural das instituições culturais da cidade, o desenvolvimento de políticas públicas que ajudem na manutenção destes espaços e das informações contidas neles, a presença de profissionais interdisciplinares que possam acompanhar estes estudantes, promovendo assim o desenvolvimento cultural da cidade.

Criação de Parcerias: Visando promover a conexão entre intercambistas e cidade, a criação de parcerias busca integrar a programação proposta pelo “Brasil de Todo Mundo” com os protagonistas dentro do cenário cultural bauruense fortalecendo os laços entre a universidade e a cultura local. As parcerias buscam facilitar o máximo a vida dos estrangeiros em Bauru, dentro delas estão inclusos órgãos responsáveis pela situação burocrática dos alunos, organizações do terceiro setor, outros programas de mobilidade internacional, etc. A intenção inicial é estreitar laços para que

futuramente sejam estruturadas programações integradas voltadas especificamente para os alunos dos programas de intercâmbio relacionando-os com o ambiente. A construção de parcerias será uma relação ganha-ganha e sem custos por parte do projeto e da iniciativa, se caracterizando como um apoio colaborativo. Exemplos de parcerias: SESC, instituições culturais da cidade (MIS, Museus, pontos de cultura), escolas de idiomas, Polícia Federal, Secretaria da Cultura, ONG's, AIESEC, Universidades de Bauru, Restaurantes, Casas Noturnas, Agências de Viagens, Neocriativa.

Presença Digital (fortalecimento da a imagem do projeto dentro do campus e fora dele): A participação ativa dentro das redes sociais tem sua importância para a divulgação do “Brasil de Todo Mundo” e suas ações. Nelas, serão feitos os registros de todas as atividades propostas além da criação de um espaço para que os alunos envolvidos com o projeto façam relatos a respeito do processo de vivência e aprendizagem pelo qual estes estarão passando. A criação de uma linha editorial digital para postagens regulares feitas pelos membros projeto no blog do projeto se faz necessária para que haja uma manutenção da participação online efetiva. Inicialmente as mídias utilizadas serão as já existentes: Blog (Anexo A) e Facebook (Anexo B).

Hospedagem solidária: Já desenvolvido pelos Escritórios de Relações Internacionais, esta ação tem como objetivo criar um banco de dados das repúblicas de Bauru interessadas em receber os alunos estrangeiros para facilitar a questão da moradia quando estes chegarem ao Brasil. Nesta questão o “Brasil de Todo Mundo” servirá como uma linha auxiliadora dos ERI na questão do acompanhamento e adaptação dos intercambistas no meio, gerenciando possíveis crises e não deixando o intercambista “na mão” em caso de insatisfação com a casa que o acolhe.

Biblioteca Acessível Virtual Intercultural: A idéia da Biblioteca Virtual funciona como uma evolução do laboratório de Pesquisas Interculturais, ela estará

disponível em um domínio público para que todos os interessados tenham acesso e servirá de acervo digital das publicações dos intercambistas. Ela também comportará todas as produções de pesquisa de alunos da Unesp e acadêmicos relacionadas aos temas centrais do projeto como: Cidades Criativas, Internacionalização das Universidades, Cultura Brasileira, Comunicação Intercultural, etc.

Registro e mapeamento do fluxo de intercambistas na FAAC:

A pesquisa e levantamento de estudos servirá para mensurar de onde vem a maioria dos intercambistas e quais universidades se destacam no envio de alunos, a ação visa acompanhar o número de pessoas que já passaram pela FAAC para registro. Em conjunto, também pretende-se ter o conhecimento de quais são as universidades escolhidas pelos alunos da Unesp que almejam sair de intercâmbio. A idéia é que a partir da obtenção destes dados é possível aperfeiçoar as ações existentes e desenvolver novas parcerias de acordo com as exigências da realidade.

A aplicação das ações propostas pelo “Brasil de Todo Mundo” estão dispostas em três etapas que começam na pré-chegada dos intercambistas (período anterior ao do intercâmbio), passando para o período durante a vivência e por último as ações para depois que o aluno estrangeiro retorna ao seu país de origem fazendo parte da construção e desenvolvimento do projeto para os novos alunos que virão. O período de duração das ações varia de seis meses a um ano, conforme o tempo em que cada intercambista ficará na Unesp. Para evitar a possibilidade da repetição de atividades e/ou conteúdos para os alunos que ficarão um ano, entende-se que é necessário promover um incentivo à retroalimentação por parte destes, pois o projeto na verdade é um processo que se reconstrói conforme as necessidades do contexto e as ações de quem neles atua (Unesp, alunos, sociedade e intercambistas).

Abaixo, encontra-se o Quadro 3 que mostra a relação entre ações intra e extra universidade com o período de experiência do intercâmbio. Esta tabela coloca em evidência o eixo horizontal do projeto, ou seja, as ações descritas acima e o período

adequado para implantação das mesmas.

Ações/tempo	Pré-chegada	Período de intercâmbio	Pós-intercâmbio
Laboratório de pesquisas interculturais			
Bando de Ideias Interculturais			
Ciclo de debates sobre intercâmbios			
Atividades culturais			
Imersão na cultura brasileira			
Aula de Língua Portuguesa para estrangeiros			
Jornada de Boas Vindas			
Hospedagem Solidária			
Criação de Parcerias			
Relação com a cidade			
Registro e mapeamento do fluxo de intercambistas na FAAC			
Biblioteca Acessível Virtual Intercultural			
Presença digital			

Quadro 3: Período de aplicação das ações do “Brasil de Todo Mundo”

Fonte: Elaborada pelos autores

Uma proposta do grupo é que no fechamento de cada ciclo de experiências (seis meses e um ano), seja realizada uma atividade reflexiva do processo como um todo, buscando construir uma sistemática de atuação. Sendo assim, acredita-se que a continuidade do projeto por parte dos alunos que já estão a mais tempo, ajuda aos colaboradores a entenderem que todos eles constroem o nosso “Brasil de Todo Mundo”.

5. Reflexões e considerações finais

A presente dissertação caminha em diversas estradas. E para este percurso, passa por uma gama de conceitos, de percepções, de subjetividades e delírios

(teóricos e práticos). Todo este caminho percorrido teoricamente mostra na prática, a sua complexidade. Ao falar de integração intercultural, a estrada visível abre caminhos diversos para o entendimento do que isso pode significar. Mais que teorias, a integração intercultural se dá pela experiência do encontro. É neste ponto que a atuação da universidade pública se faz mais que presente. Mostrar o seu papel de ser uma das instituições protagonistas na construção deste sentido de integração, seja por sua natureza de produção do conhecimento, como pelo ambiente fértil para o desenvolvimento deste encontro.

Neste contexto, pontua-se o intercâmbio acadêmico e a mobilidade acadêmica como formas reais de promoção à internacionalização da educação e do diálogo intercultural. O grupo acredita neste projeto político-pedagógico como um importante primeiro passo que foi dado em relação à novas formas de educação e fortalecimento de capacidades dos estudantes. A Unesp está presente no globo com seus estudantes nacionais e também com seus estudantes internacionais que tiveram este espaço como lar durante os meses de experiência. Pensar em novos acordos para ampliação e maior acessibilidade é de suma importância. Conjuntamente com esta pesquisa e articulação, também é urgente o planejamento e implantação de ações, e quiça um programa, de recepção e integração de estudantes internacionais com a comunidade acadêmica local, e mais além, com a comunidade local, neste caso com a cidade de Bauru.

Uma ação estruturada e fortalecida pela representação institucional da Unesp daria uma visibilidade ainda maior para a universidade e para o país, a partir da escolha do intercambista. Para os estudantes, este programa também poderá representar mais uma possibilidade de atuação e troca de experiências, além de colaborar com o desenvolvimento da universidade como um todo. Absorver o capital humano e a criatividade dos nossos estudantes ainda é uma ação pouco realizada pelas nossas universidades.

Longe de ser algo impositivo e engessado, o projeto “Brasil de Todo Mundo” abordado neste dissertação, alimentado com teorias e fortalecido pela prática e experiência de estudantes que já tiveram uma oportunidade de intercâmbio, tenta

colocar a semente em um solo fértil e preparado para o plantio. Apoiado na abordagem da economia criativa e comunicação intercultural, o projeto dá a possibilidade de atuação a partir de ações pontuais, como também uma visão mais complexa a partir da análise cronológica da presença dos estudantes internacionais. O tempo, sendo relativo, deve ser muito bem interpretado e utilizado da melhor forma para a experiência seja válida e transformadora.

A proposta do grupo vai além de ações pontuais, aqui refletimos sobre a necessidade e urgência de um acolhimento maior por parte da instituição no que tange a recepção e integração destes estudantes internacionais e dos estudantes locais que, a partir de tal programa e projeto, poderão ter um contato mais próximo com culturas diferentes, modos de viver, pensamentos diferentes e, com isso, tornar o processo de aprendizagem dentro da universidade mais criativo. A cidade de Bauru também oferece grande oportunidade turística para que, juntos, seja realizado o resgate de nossa identidade cultural.

O debate acerca da comunicação intercultural e o papel dos relações públicas neste cenário como mediador deste tipo de diálogo se fez presente para mostrar uma atuação além da abordada na grade curricular do curso, como também evidenciar o papel estratégico e a função social desta profissão no desenvolvimento da sociedade democrática, solidária e colaborativa.

Tudo que foi exposto aqui mostra o quanto ainda temos por aprender e ensinar, tornando esta prática um círculo de aprendizado que mostra que movimento, conhecimento e diversidade são bases sólidas para um autêntico diálogo intercultural e essenciais para a expansão de nossa formação humana, uma vez que entendemos que existem outras realidades possíveis além das nossas. Como estudantes, deixamos nossa pequena semente para ser cultivada por outros que virão. Como disse Manoel de Barros, “Perdoai, mas eu preciso ser outros. Eu penso em renovar o homem usando borboletas” (trecho do poema Retrato do Artista Quando Coisa).

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BARBERO, Jesús Martín. **De los medios a las mediaciones**: comunicación, cultura y hegemonia. 3, reimpressão. Ediciones G. Gili, Universidade da Califórnia, 1987

_____. Pistas para entre-ver meios e mediações. Prefácio à 2ª edição de *Dos meios às mediações: comunicação, cultura e hegemonia*. Tradução de Maria Immacolata Vassallo de Lopes. Rio de Janeiro, Ed. UFRJ, p. 11-21, 2003.

_____. Oficio de cartógrafo. **Travesías latinoamericanas de la comunicación en la cultura**. México: Fondo de cultura económica, 2002.

_____. **Dos meios às mediações**: comunicação, cultura e hegemonia. Tradução de Ronald Polito e Sérgio Alcides. 6 ed. Editora UFRJ, Rio de Janeiro, 2011

BARROS, Manoel. Trecho do poema **Retrato de um Artista Quando Coisa**

BRAGA, Clara S.; HENRIQUES, Márcio S.; MAFRA, Rennan L. M. **O planejamento da comunicação para a mobilização social**: em busca da co-responsabilidade. In: HENRIQUES, Márcio S. (org.). **Comunicação e estratégias de mobilização social**. Belo Horizonte: Autêntica: 2004.

BERNARD, François de. **Por uma redefinição do conceito de diversidade cultural**. In: **Diversidade Cultural**: globalização e culturas locais: dimensões, efeitos e perspectivas. Org. Leonardo Brant. São Paulo: Escrituras Editora: Instituto Pensarte, 2005.

BRIONES, Márcia Cristina Hernández. **Os Dilemas da Comunicação Intercultural**: estudo de caso de refugiados do golpe militar chileno. 2010. Monografia (Graduação) - Faculdade de Comunicação Social da Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Porto Alegre.

CAIRES João Vitor de Barros. **Um mundo radicalmente melhor**: Criatividade, Colaboração e Padrão de Redes como estratégias para o Desenvolvimento Sustentável. Trabalho de Conclusão de Curso apresentado à Faculdade de Arquitetura, Artes e Comunicação (FAAC) da Unesp - Universidade Estadual Paulista “Julio de Mesquita Filho”, 2011.

COLL, Augustí Nicolau. **Propostas para uma diversidade cultural intercultural na era da globalização.** São Paulo: Instituto Pólis, 2002.

CURROS, Oscas; FERRARI, Maria Aparecida. **A comunicação intercultural nas organizações como modelo de resposta à vulnerabilidade em tempos de globalização.** In: XXXIV Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação apresentado no GP Relações Públicas e Comunicação Organizacional do XI Encontro dos Grupos de Pesquisa em Comunicação. Recife. INTERCOM, 2011

DULCE, María Jose Fariñas. **La tensión del desde la perspectiva filosófica intercultural.** Revista del Instituto Bartolomé de Las Casas, ano 8, nº 12, 2000 , p.221.

FERRARI, Maria Aparecida. **Relações Públicas: função estratégica e responsabilidade social.** In: Revista de Estudos de Jornalismo e Relações Públicas. UESP, São Bernardo do Campo. Vol 1, no. 1, junho de 2003.

_____. **Relações Públicas e sua função estratégica.** In: Congresso Anual em Ciência da Comunicação. Belo Horizonte, 2003.

FLORIDA, Richard (2002), **The Rise of the Creative Class, and how it is transforming leisure, community and everyday life,** New York: Basic Books.

FLORIDA, Richard (2005), **Cities and the Creative Class,** New York and London: Routledge

FREIRE, Paulo (1970). **Pedagogia do Oprimido.** 47ª Ed Rio de Janeiro: Paz e terra, 2008.

GEERTZ, Clifford. **A interpretação das Culturas.** Rio de Janeiro: Zahar,1973.

HABERMAS, Jurgen. **Ciencia y técnica como “ideología”.** Madrid, Tecnos S.A., 1984.

IANNI, Octavio. **A era do globalismo - 4ªed. -** Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1999.

_____. **A sociedade global.** Rio de Janeiro, Civilização Brasileira. 1992.

KERZNER, H.**Gestão de Projetos: As Melhores Práticas.** Porto Alegre: Bookman,2002.

KUNSCH, Margarida Maria Krohling. **Relações públicas comunitárias.** São Paulo: Summus, 2007.

_____. **Relações públicas e modernidade: novos paradigmas na comunicação organizacional.** São Paulo: Summus, c1997.

LEITE, Roberto Paula. **Relações públicas.** São Paulo: José Bushatski, Editor. 1971.

LOPES, Ana Maria D'Ávila. **Da coexistência à convivência com o outro: entre multiculturalismo e a interculturalidade.** Rev. Inter. Mob. Hum., Brasília, Ano XX, Nº 38, p. 67-81, jan./jun. 2012

MICHAELIS: moderno dicionário da língua portuguesa. São Paulo: Companhia Melhoramentos, 1998.

MOURA, Cláudia Peixoto de (org). **História das relações públicas: fragmentos da memória de uma área.** Porto Alegre: EDIPUCRS, 2008.

OLIVEIRA, Maria José da Costa. **Relações Públicas e questões sociais nos três setores da sociedade.** In: KUNSCH, Margarida Krohling; KUNSCH, Waldemar. **Relações Públicas Comunitárias: a comunicação em uma perspectiva dialógica e transformadora.** São Paulo: Summus, 2007, p. 181- 193.

ORTIZ, Renato. **Mundialização e cultura.** SP: Brasiliense, 1994

PERUZZO, Cecília Krohling. **Relações públicas no modo de produção capitalista,** São Paulo: Summus, 1986.

_____. **Relações públicas nos movimentos populares.** Revista Brasileira de Comunicação. São Paulo: Intercom, n.60, p.107-112, 1989.

_____. **Comunicação Comunitária e Gestão Participativa.** In: KUNSCH, Margarida Krohling; KUNSCH, Waldemar. **Relações Públicas Comunitárias: a comunicação em uma perspectiva dialógica e transformadora.** São Paulo: Summus, 2007, p. 181- 193.

PESAVENTO, Sandra Jatthy. **Além das fronteiras.** In: MARTINS, Maria Helena (Org.) **Fronteira Culturais: Brasil, Uruguai, Argentina.** Porto Alegre: Ateliê Editorial, 2002, p. 35-39.

PIEROBON, Juliane Estela. **A Comunicação em Contextos Interculturais: A Excelência das Relações Públicas em Organizações Multinacionais.** 2006. Trabalho de Conclusão de Curso. Departamento de Comunicação Social da Faculdade de Arquitetura, Artes e Comunicação da Universidade Estadual Paulista "Júlio de Mesquita Filho", Campus de Bauru.

RAMOS, Natália. **Diversidade cultural, educação e comunicação intercultural** – políticas e estratégias de promoção do diálogo intercultural. Revista Educação em Questão, Natal, v. 34, n. 20, p. 9-32, jan./abr. 2009

REIS, A. C. F., KAGEYAMA, P. (Orgs). **Cidades Criativas – Perspectivas**. São Paulo: Garimpo de Soluções, 2011.

REIS, Ana Carla Fonseca. **CIDADES CRIATIVAS**: análise de um conceito em formação e da pertinência de sua aplicação à cidade de São Paulo. São Paulo: Tese. Universidade de São Paulo. Faculdade de Arquitetura e Urbanismo, 2011.

_____. **Cidades Criativas - da Teoria à prática**. São Paulo: Ed. SESI, 2012.

RONSIMI, Veneza V. Mayora. **A perspectiva das mediações de Jesús Martín-Barbero (ou como sujar as mãos na cozinha da pesquisa empírica de recepção)**. In: XIX Encontro da Compós. Trabalho apresentado ao Grupo de Trabalho “Recepção, Usos e Consumo Midiáticos”. PUC-RJ, Rio de Janeiro, 06/2010.

SANTOS, Célia Maria Retz Godoy; PORÉM Maria Eugenia; CABRAL, Raquel; GUARALDO, Tamara de Souza Brandão; ANDRELO, Roseane e RUIZ, Angelica Aparecida Parreira Lemos. **A interculturalidade no ensino-aprendizagem em Relações Públicas: contribuições a partir de uma parceria internacional**. Revista Organicom, ano 11 nº 21, pág 224.

SANTOS, Milton. **Por uma outra globalização** - 23ª ed. - Rio de Janeiro: Record, 2013.

STRENGER, Irineu. **Relações Internacionais**. Editora LTr, 1998

SIMÕES, Roberto Porto. **Relações Públicas: Função Política**. São Paulo: Summus, 1995.

TAYLOR, M. (2001) “**International Public Relations: opportunities and challenges for the 21st century**”, in: Heath, R. (Org). Handbook of Public Relations. Thousand Oaks: Sage Publications, p. 625-637.

XAVIER, Juarez Tadeu de Paula. **Teorias Antropológicas**. Curitiba: IESDE Brasil S.A., 2009

WILCOX, D. et al. **Public relations strategies and tactics**. 7th ed. Boston: Allyn, 2003.

WAKEFIELD, R. I. **Interdisciplinary theoretical foundations for international public relations**. In: CULBERTSON, H. M.; NICHEN. International public relations: a comparative analysis. Mahwah: Lea Publishers, 1996. p. 1-29.

Referências Eletrônicas

ANTUNES, Marco Antônio. **A ciência das Relações Públicas**. Disponível em: <<http://pt.slideshare.net/Dragodragons/a-cincia-das-relaes-pblicas-14250340>> Acesso em: 10 de março. 2015.

BARBERO, Jesús Martín. **As formas mestiças da mídia**. São Paulo. Revista FAPESP. Setembro/2009. Entrevistado por Mariluce Moura. Disponível em: <http://revistapesquisa.fapesp.br/2009/09/01/as-formas-mesticas-da-midia/>

BARBOSA, Livia; VELOSO, Letícia. **Gerência intercultural, diferença e mediação nas empresas transacionais**. Revista de Ciências Sociais – CIVITAS, PUCRS. Porto Alegre, Jan/Jun., vol. 7 – 001 – 2007, P. 59 – 85. Disponível em: <http://revistaseletronicas.pucrs.br/ojs/index.php/civitas/article/view/2037>

CANCLINI, Néstor García. **Cultura sem fronteiras**: depoimento. [s/data]. São Paulo: Edusp. Entrevista concedida a Reynaldo Damazio e Diana Araujo Pereira. Disponível em <http://www.edusp.com.br/cadleitura/cadleitura_0802_8.asp> Acessado em: 06 abril 2015.

ELHAJJI, Mohammed. **Mapas subjetivos de um mundo em movimento**: Migrações, mídia étnica e identidades transnacionais. Revista Eletrônica Internacional de Economia Política da Informação, da Comunicação e da Cultura. Sergipe, v. 13, n. 2, maio/ago 2011. Disponível em <<http://www.seer.ufs.br/index.php/eptic/article/view/109/94>> Acessado em: 12 mar. 2015.

GANDIN, Danilo. **A Posição do Planejamento Participativo entre as Ferramentas de Intervenção na Realidade**. In: Currículo sem Fronteiras, v.1, n.1, pp.81-95, Jan/Jun 2001. Porto Alegre. Disponível em: <<http://www.curriculosemfronteiras.org/vol1iss1articles/gandin.pdf?>> Acessado em 28 março 2015.

FERRARI, Maria Aparecida. **Gestão da comunicação intercultural nas organizações brasileiras em tempos de globalização**. Revista de Comunicação e Epistemologia da Universidade Católica de Brasília. UCB, Brasília. Disponível em: <http://portalrevistas.ucb.br/index.php/RCEUCB/article/viewFile/3735/2176>

SANTOS, Joana. **O modelo de cidade criativa enquanto sistema privilegiado na aplicação da Estratégia Europa 2020.** Disponível em: <[http://www.academia.edu/7794942/ARTIGO O modelo de cidade criativa enquanto sistema privilegiado na aplica%C3%A7%C3%A3o da Estrat%C3%A9gia Europa 2020](http://www.academia.edu/7794942/ARTIGO_O_modelo_de_cidade_criativa_enquanto_sistema_privilegiado_na_aplica%C3%A7%C3%A3o_da_Estrat%C3%A9gia_Europa_2020)> Acessado em 15 de março de 2015.

TORRES, Nora Gaméz. **El paradigma de la mediación: crítica y perspectivas.** Mediaciones Sociales, Revista de Ciencias Sociales y de la Comunicación. Universidad Complutense de Madrid, España. 2º semestre de 2007. Disponível em: <http://pendientedemigracion.ucm.es/info/mediars/MediacioneS1/Indice/GamezTorres/gameztorres.html>

UNESCO. **Declaração Universal Sobre a Diversidade Cultural.** 2001. Disponível em: <http://unesdoc.unesco.org/images/0012/001271/127160por.pdf>. Acessado em 01 fev. 2015.

UNESP, **Anexo X - Assessoria de Relações Externas, Resolução nº 04, de 1º de Fevereiro de 1993.** Disponível em <<http://www.unesp.br/portal#!/arex/apresentacao4165/atribuicoes>>. Acessado dia 10 de Outubro de 2014.

ANEXO B- FACEBOOK

Brasildetodomundo
17 de março às 14:00 · 🌐

De Ipanema até o Butantã, a cultura indígena está presente em muito do nosso viver!
<http://www.ebc.com.br/.../habitos-e-nomes-indigenas-estao-pre...>



Hábitos e nomes indígenas estão presentes na cultura brasileira
É o caso do uso de chás medicinais e de denominações como a da praia de "Ipanema", no Rio de Janeiro
EBC.COM.BR

Curtir · Comentar · Compartilhar

Larissa Dionisio e outras 2 pessoas curtiram isso.

GRUPOS SUGERIDOS [Ver tudo](#)

NeoCriativa
Ricardo Coslove Lima Fernandes e outros 4 amigos entraram
[+ Participar](#)

Bioconstrutores em Ação - Arquitetura da Terra
Thaiane Lemos e Lucas Ezias entraram.
[+ Participar](#)

PÁGINAS SUGERIDAS [Ver tudo](#)

Fotografia
Mari Chaves curtiu isso.
[Curtir](#)

Português (Brasil) · Privacidade · Termos · Cookies · Anúncios · Mais · Facebook © 2015

ANEXO C-PARTICIPAÇÃO EM EVENTOS - CULTURA VIVA/CONGRESSO PERU**VENHA CONHECER A DIVERSIDADE CULTURAL BRASILEIRA!**

ALUNOS DE DIVERSAS PARTES DO MUNDO TROCANDO EXPERIÊNCIAS E CONHECIMENTO, APROFUNDANDO A PERCEÇÃO SOBRE O BRASIL, SUA LÍNGUA, COSTUMES, MÚSICA, LITERATURA E MUITO MAIS EM DIVERSAS OFICINAS!

AMANHÃ (04/04)**SALA A2 (AO LADO DA CANTINA DA FEB)**

VENHA CONHECER A DIVERSIDADE CULTURAL BRASILEIRA!

O projeto Brasil de Todo Mundo visa aprofundar as reflexões relativas ao universo cultural brasileiro por meio de oficinas e atividades de imersão na cultura local para estudantes estrangeiros que se encontram no Brasil.

Leve o Brasil de Todo Mundo para sua universidade ou centro cultural.

Saiba mais sobre o projeto acessando o blog

brasildetodomundo.wordpress.com

ou mande um e-mail para brasildetodomundo@gmail.com

El proyecto "Brasil de Todo Mundo" tiene como objetivo desarrollar reflexiones relativas al universo cultural brasileiro, através de talleres y actividades de inmersión en la cultura local para los estudiantes extranjeros que se encuentran en Brasil.

Lleve el "Brasil de Todo Mundo" para su universidad o centro cultural.

Contáctenos en:

brasildetodomundo.wordpress.com

brasildetodomundo@gmail.com





SOCODELA
Sociedad para la Cooperación y
Desarrollo Latinoamericano



SONAJEP
Sociedad Nacional de Jóvenes
y Emprendedores del Perú

**I CONGRESO INTERNACIONAL DE JOVENES
LATINOAMERICANOS Y**

III CONGRESO JUVENIL DEL ALTO PIURA

Lugar: Auditorio de la Escuela Tecnológica Superior del distrito de San Miguel de El Faique – Huancabamba – Piura.

Fecha: 26, 27 y 28 Febrero 2015

Hora: 8:30 a.m. a 16:00 p.m.

Lugar: Auditorio de la Escuela Tecnológica Superior del distrito de San Miguel de El Faique – Huancabamba – Piura – Perú

PROGRAMACION

8:30 am Registro de participantes

9:30 am Palabras de Bienvenida Prof. Rodrigo Chinchay Pacheco, Alcalde de San Miguel de El Faique.

9:50 Apertura del evento - Socodela - Sonajep.

10:10 am "Los Jóvenes y la Empresa", Ing. Salomón Lerner Ghitis, ex Premier de la República y empresario. Perú

11:00 am "El funcionamiento del Capitalismo: Límites y posibilidades para concretizar los derechos humanos básicos (Educación, habitación, salud y alimentación)", Wolney Carvalho – (Universidad Nacional de Integración Latinoamericana) UNILA - Brasil

11:45 am "Los Jóvenes y la Política", Doctor Pablo Zuñiga, Representante de la OEA - Perú.

12:35 pm "Educación Popular" Caroline Linhares UFF – Brasil

13:20 pm Almuerzo

14:00 pm "El Panorama Logístico de los Bloques Económicos de América Latina", Nidia Angélica Herrera Muñoz, Presidente Ejecutiva – Red Internacional de Consultores – Alemania Executive Manager COEX GROUP SAS – Colombia

14:50 pm "Liderazgo y Excelencia Juvenil", Ronald Pérez Cobos - Perú

15:30 pm "Confianza Institucional por los Partidos Políticos", Jesús Ibáñez, Consultor – SOCODELA - América Latina.



Viernes 27

09:30 am "Oportunidades de Desarrollo para los Jóvenes y Emprendedores, a través de los Proyectos de Inversión Pública", Lic. Gonzalo Alegría Director de Proyectos y Cooperación Nacional e Internacional Universidad Cesar Vallejo - Perú

10:20 am "La importancia del Talento humano en el Emprendimiento", Adriana Ocaña Universidad de San Buenaventura – Colombia

11:00 am "Participación de los Jóvenes en el proceso de ejecución penal", Taciano Duarte (Universidad Federal de Integración Latinoamericana) UNILA – Brasil.

11:45 am "Realidad de los Jóvenes a nivel social y político", Nadia Delgado - Asociación de Jóvenes Emprendarios AJE – Paraguay.

12:25 pm "Casos exitosos de emprendimiento", Elisabeth Tobon - Coordinadora de importaciones Colombia

13:00 pm **Almuerzo**

14:00 pm "Proyecto de la Universidad Federal de la Integración Latinoamericana" – UNILA Dra. Giselle Ricobom – Brasil

15:00 pm "Brasil Integración Latinoamericana", Marcelo Duarte Consultor SOCODELA - América Latina

15:50 pm "Los jóvenes en el Perú, visión de cambio al 2021", Carlos Ignacio Navarro, Presidente de Sonajep Perú, integrante de SOCODELA – América Latina y Consultor en Gestión Pública – Mypes y Desarrollo Económico Perú.

16:25 pm "Poemas y Pensamientos", Pedro Miguel Castro Ramírez Poeta – Piura.

19:00 pm "Noche de Integración Cultural"



Sábado 28

09:30 am ¿Cómo enfrentar el miedo a la hora de emprender?, Lyda de la Espriella, Gerente General De la Espriella Consulting & Constructor Enterprise – Colombia.

10:20 am “Emprendedorismo Juvenil en el Siglo XXI, retos y desafíos”, Mabel Otiniano Universidad Cesar Vallejo - Perú

11:00 am “Caminos Pedestres una Herramienta para la valoración del territorio y de recreación”, Felipe Varela - Perú

11:45 am “Brasil de Todo el mundo - Importancia de la recepción e integración”, Larissa Batista (Universidad Estatal Paulista / Unesp) - Brasil

12.20 pm “Creativamente Talentosos: Buscando nuevas y mejores formas de hacer las cosas”, Carlos Humberto Cerro Maza. CERROALTO / Perú

13:00 pm “Arte y Lectura Contemporánea y la importancia de la Identidad Cultural”, Dimas Arrieta Espinoza, Universidad Nacional Federico Villareal – Perú

14:00 pm Almuerzo

15:00 pm Recorrido Turístico

17: 00 Cierre del Congreso y entrega de Certificados.